

O livro segundo o editor

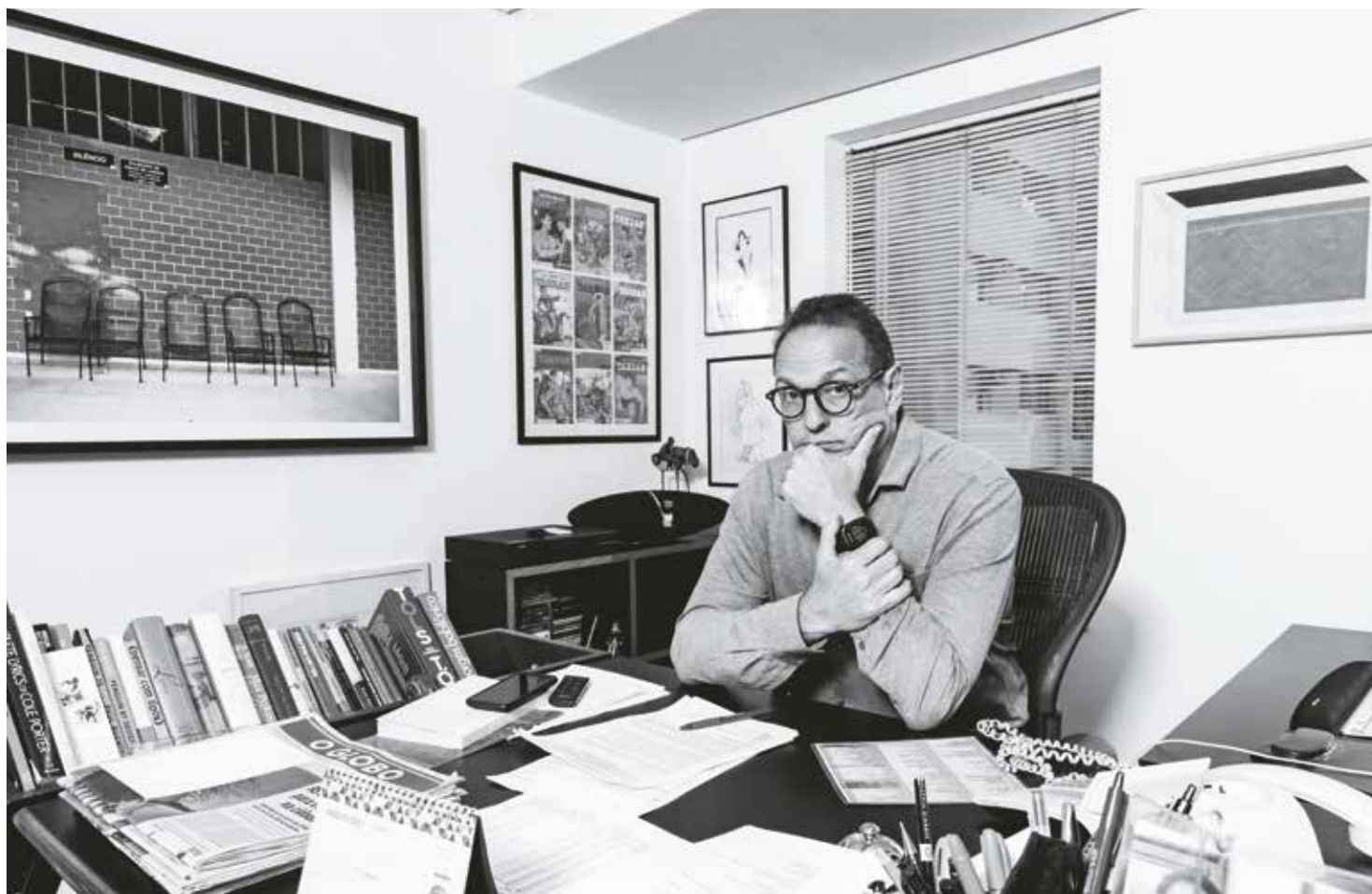
Profissionais que ajudaram a alavancar o mercado editorial brasileiro nas últimas décadas falam sobre as transformações do setor. Para entender essas mudanças, o **Cândido** inicia uma série de entrevistas com 12 importantes editores





EDITORIAL

Rafael Roncato



A partir dos anos 1990, o mercado editorial brasileiro praticamente dobrou de tamanho. Grupos estrangeiros aportaram por aqui, comprando e fundindo editoras. As engrenagens do negócio também mudaram: antes familiares, as antigas casas editoriais passaram a cooptar profissionais de outras esferas da cadeia do livro, como jornalistas especializados na cobertura de literatura. É essa história que o jornalista e escritor Alvaro Costa e Silva conta nesta edição 76. O repórter mostra que essas transformações começam a ocorrer ainda nos anos 1970 e se acentuaram na década seguinte com a editora Brasilen-se, um verdadeiro *case* de sucesso entre uma nova geração de leitores.

Para entender as transformações no setor, o **Cândido** inicia a série de entrevistas “Os Editores”, com 12 profissionais que fizeram e estão fazendo essa

história. O fundador da Companhia da Letras, Luiz Schwarcz (foto), abre os bate-papos. Entrevistado pelo escritor Bernardo Carvalho, ele fala do início de sua editora, que fundou em 1986 junto com a mulher, a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, e sobre temas que estão na pauta do mercado editorial, como a falta de um projeto educacional por parte do Estado brasileiro e a ascensão dos livros de *youtubers*.

A edição de novembro também traz um ensaio do professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Eduardo de Assis Duarte sobre a obra da escritora Conceição Evaristo. O acadêmico analisa o projeto literário da autora mineira, uma das mais destacadas ficcionistas brasileiras contemporâneas, que resgata a fala e a memória da mulher negra em seus romances e contos.

Outro destaque é a entrevista com o escritor Lira Neto, que participou da edição de setembro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. Entre outros assuntos, o biógrafo revelou os bastidores de alguns de seus livros mais festejados, como as biografias de Getúlio Vargas e Maysa. “Uma biografia tem que dar conta do universo de uma vida e tentar, o que acho mais interessante, ordenar algo que é naturalmente caótico, que é a existência de um indivíduo. A nossa vida não é linear”, diz o autor cearense.

Entre os inéditos, a edição traz contos de Sidney Rocha e Franco Caldas Fuchs, além de poemas de Célia Musilli, Geraldo Magela Cardoso e Ruy Proença. Na seção Cliques em Curitiba, o convidado é o fotógrafo Carlos Dominguez.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
 Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
 Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
 Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

João Lucas Dusi e Luís Izalberti.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Design:

Thapcom.com

Colaboradores desta edição:

Alvaro Costa e Silva, Bernardo Carvalho, Carlos Dominguez, Célia Musilli, Eduardo de Assis Duarte, Felipe Rodrigues, Franco Caldas Fuchs, Geraldo Magela Cardoso, Higor Oratz, Rafael Roncato, Sidney Rocha e Ruy Proença.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o Cândido pela internet:

candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
 Horário de funcionamento:
 segunda a sexta: 8h30 às 20h
 Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

TANTO TEMPO NA PIOR QUE O QUE PINTAR É UMA BOA

Richard Fariña, Rocco, 1985

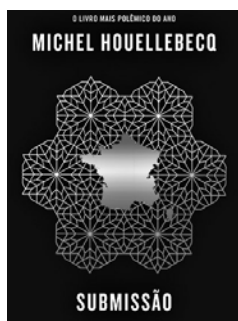
Gnossos Pappadopoulos, o “Paps”, Guardião da Chama, retorna à cidade universitária Athené após uma peregrinação ascética arriscada. Sem a resposta elevada que buscava, se entrega à rotina de outrora: maconha, ópio, mescalina, sexo, um ou outro cigarro careta e muito álcool. Num clima constante de paranoia, Paps se envolve com traficantes, conspirações e até se apaixona, lembrando sempre de fugir do macaco-demônio. A escrita do norte-americano Richard Fariña se fundamenta no caos, alternando linguagem poética com descrições caricatas e humor pastelão.



SUBMISSÃO

Michel Houellebecq, Alfaguara, 2015

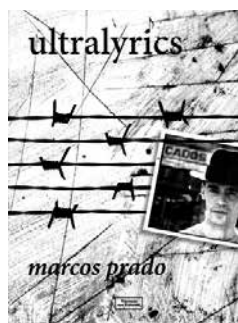
François, protagonista deste romance, é um entediado professor de literatura na Universidade Paris III-Sorbonne. Sua rotina acadêmica é desinteressante, e ele preenche seus dias com relações sexuais vazias, pratos feitos no micro-ondas, álcool e visitas ao site pornográfico *YouPorn*. No plano político, após eleições acirradas, o candidato da Fraternidade Muçulmana Mohammed Ben Abbes chega à presidência da França. A nova ordem parece atrativa ao protagonista, que enxerga o momento como uma possibilidade de mudança. Neste que é seu romance mais recente, narrado em primeira pessoa, o escritor francês Michel Houellebecq constrói um futuro distópico não tão distante, dando voz a mais um protagonista desanimado e desiludido.



ULTRALYRICS

Marcos Prado, Travessa dos Editores, 2005

O poeta paranaense Marcos Prado teve uma vida breve, morreu na noite de Ano Novo de 1996, aos 36 anos. Mas deixou sua marca na poesia curitibana. Parceiro de bandas de rock, Prado fez letras de música e poesia com a mesma intensidade. É o que se percebe em *Ultralyrics*, livro organizado pelo diretor teatral Felipe Hirsch. A linguagem coloquial, as rimas, os temas urbanos e uma certa fúria punk dão o tom dos textos, como em “Homem de ferro”, gravada pelo grupo Beijo AA Força: “Não haverá mais remédio / Os belos serão os bélicos / Elmos no lugar de cérebros/ O ferro-velho tomará os cemitérios”.



NOITE AMERICANA/ DORIS DAY: BY NIGHT

Ronaldo Werneck, Ibis Libris, 2006

Os poemas presentes neste livro do mineiro Ronaldo Werneck têm clima de boêmia e festa. Os versos trazem um diálogo interessante entre alta e baixa cultura, referências a artistas variados e uma interessante interseção entre os idiomas português, inglês e francês. Mas, como a diversão tem seu preço, o livro também é marcado por sentimentos melancólicos. É o caso de “Gota seca”: “da sarjeta salta/ só uma agonia/ uma gota seca/ sol-lua só pouco pedia/ nada-nadica de mutreta/ só álcool/só amor/só poesia/ sol-lua sem rumo/ jaz o céu no asfalto/ só poça sem prumo”.



CURTAS DA BPP

Oficina com Rubens Figueiredo

Divulgação

O escritor e tradutor Rubens Figueiredo ministra uma oficina de tradução na Biblioteca Pública do Paraná nos dias 21, 22 e 23 de novembro. As inscrições, gratuitas,

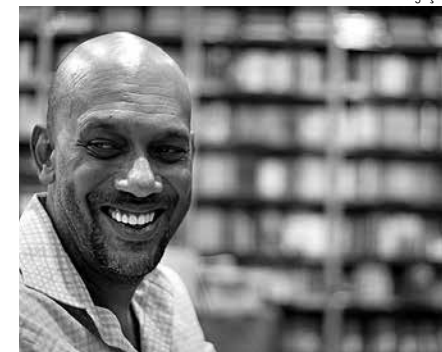


podem ser feitas até 6 de novembro por meio de um formulário disponível no site da BPP. Serão selecionadas 30 pessoas, maiores de 18 anos, por ordem de inscrição. Mais informações: (41) 3221-4974. Formado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Figueiredo é tradutor de autores como Fiodor Dostoiévski, Leon Tolstói e Philip Roth. Sua produção de ficção inclui, entre outros livros, a reunião de contos *As palavras secretas* (prêmios Jabuti e Arthur Azevedo) e os romances *Barco a seco* (Prêmio Jabuti) e *Passageiro do fim do dia* (Prêmio Portugal Telecom).

Paulo Lins na Biblioteca

Divulgação

O autor do *best-seller Cidade de Deus*, Paulo Lins, é próximo convidado do projeto Um Escritor na Biblioteca. O encontro acontece na Biblioteca Pública do Paraná,



no dia 7 de novembro, às 19h30. A entrada é gratuita. Lançado em 1997, *Cidade de Deus* retrata o cotidiano da comunidade homônima, que teve crescimento desordenado nos anos 1970 e conviveu com a violência oriunda do tráfico de drogas. Em 2002, o livro foi levado para o cinema pelos diretores Fernando Meirelles e Kátia Lund, com roteiro de Bráulio Montovani. O filme, elogiado pela crítica, foi sucesso de público e ganhou vários prêmios. Também recebeu quatro indicações para o Oscar em 2004. Depois da estreia em livro, Paulo Lins escreveu diversos roteiros para o cinema e a televisão. Em 2012, lançou seu segundo romance, *Desde que o samba é samba*.

LIRA NETO

DA REDAÇÃO

Dedicando-se a biografar assuntos e personalidades importantes da cultura brasileira desde o final dos anos 1990, o cearense Lira Neto fez uma síntese de sua trajetória como escritor na edição de setembro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O bate-papo contou com a mediação do jornalista Ricardo Sabbag.

Nascido em Fortaleza (CE), em 1963, Lira Neto é formado em Letras e Filosofia, mas fez carreira no jornalismo, atuando como repórter, editor de cultura e chefe de redação na imprensa cearense. No começo dos anos 2000, largou o cotidiano das redações para se dedicar à escrita de biografias. A primeira que escreveu, *O poder e a peste — A vida de Rodolfo Teófilo* (1999), relata a trajetória de um sanitarista que viveu em Fortaleza na virada do século XIX e teve ótima aceitação. “Foi quando pedi demissão do jornal para escrever livros”, diz Lira.

A partir daí, o escritor deu início a uma sequência de livros que ganharam repercussão nacional, entre eles *Padre Cícero — poder, fé e guerra no sertão* (2009), *Castello: a marcha para a ditadura* (2004) e *Maysa: só numa multidão de amores* (2007). “Quando

comecei a escrever o segundo livro, disse a mim mesmo que iria fazer uma grande reportagem, histórica, com rigor na apuração e no trato com as fontes. Não ia fazer literatura”, explica.

Lira também falou sobre o que, para ele, é essencial em uma boa biografia, como a escolha do personagem (“Tem que ter solavancos, altos e baixos”) e a pesquisa bibliográfica sobre o assunto (“Tem que dar conta de tudo que de relevante se escreveu sobre a figura escolhida”). “Montei esqueletos sempre que estou iniciando um trabalho, mas é claro que isso é flexível, vai se alterando de acordo com os rumos que a pesquisa manda”, completa.

Entre 2012 e 2014, o escritor publicou os três volumes que compõem a elogiada biografia de Getúlio Vargas. Projeto que lhe custou cinco anos de trabalho com dedicação exclusiva. O esforço valeu a pena: a trilogia virou *best-seller* e ganhou prêmios.

Acostumado a desafios, atualmente o escritor trabalha nos dois últimos volumes de uma série que conta o percurso do samba por meio das trajetórias de seus principais compositores e intérpretes. O primeiro tomo, *Uma história do samba — as origens*, foi lançado no primeiro semestre de 2017.

A seguir o biógrafo fala um pouco mais sobre os complexos personagens e temas que deram origem aos seus instigantes livros.

Terror da criançada

Não tenho uma história muito bonitinha com biblioteca. A primeira que frequentei, da escola onde fiz o então primário, hoje ensino fundamental, numa pequena cidade do Ceará chamada Caucaia, era o lugar para onde se mandavam os alunos mal comportados. Quando o professor não estava conseguindo dominar a situação, dizia: “Vai para a biblioteca!”. Então a biblioteca era o terror da criançada.

Sarampo e Lobato

Quando eu tinha 8 ou 9 anos, peguei sarampo e fiquei de cama. Quer dizer, como bom cearense, eu não fiquei de cama, fiquei de rede. Minha irmã mais velha levou para mim um livro que pegou na biblioteca da escola, para que eu lesse nos dias em que eu estava deitado na rede sem poder fazer nada. E esse livro mudou completamente a minha percepção do mundo. Era uma obra do Monteiro Lobato chamada *A chave do tamanho*, que ele escreveu durante a Segunda Guerra Mundial. Aí fiquei bom do sarampo e, para espanto dos meus colegas de turma, nos recreios, em vez de jogar bola, eu ia para a biblioteca. E eles ficavam intrigados: “O que você fez para ir para a biblioteca?”. Eu dizia: “Não fiz nada. Lá tem um tesouro”. E que tesouro era esse? Era a obra infantil do Lobato. Depois fui ler Júlio Verne, *Os três*

Divulgação



mosqueteiros, tudo logicamente em versões adaptadas para criança. Ali me descobri como leitor.

Influência

Minha mãe escrevia muito bem, era professora, depois passou a ser funcionária pública. Eu queria imitar o estilo de minha mãe. Meu grande sonho era escrever igual ela escrevia. De vez em quando eu pedia para ela escrever minhas redações do colégio — e ficavam fantásticas, sempre ganhava 10. Mas eu não tinha uma perspectiva, não sonhava que ia ser escritor nem jornalista.

Jornalismo

Até o jornalismo chegou em minha vida de forma tardia. Embora na minha juventude, no final dos anos 1970, começo dos anos 1980, eu tenha me arriscado a cometer alguns poemas, o que não é nenhum mérito, porque naquela época todo mundo era poeta marginal — na geração seguinte todo mundo era *videomaker* e hoje

todo mundo é multimídia. Confesso que cometi uns poeminhas. Inclusive, um dia desses, um amigo de faculdade descobriu um desses livretos que eu publicava, xerocados, e me mandou uma ameaça, dizendo que se eu não o tratasse muito bem, ele divulgaria meus poemas de juventude. Fiquei muito tenso. Mas eu não sabia que ia ser jornalista. Para se ter uma ideia, no ensino médio eu me formei em topografia, sou topógrafo profissional.

Sem remorso

Sempre abandonei muitas coisas na minha vida. Quando as coisas não me satisfazem, eu abandono mesmo e não tenho pudor nem remorso. Abandonei duas faculdades, estou no meu terceiro casamento. Ou seja, para mim, se a coisa não está dando certo, parto para outra. E aí, nesse meio tempo, fui técnico de raio-X, fritei hambúrguer num trailer que montei com meu irmão — hoje em dia tá na moda, é *food truck*. Vendi artesanato em uma praça lá de Fortaleza, artesanato meio ripongo, bicho-grilo. Fiz um monte de coisa. Mas aí, a certa altura, surgiu uma vaga na revisão de um jornal em Fortaleza, o *Diário do Nordeste*. Fui e me submeti ao teste. Passei e foi lá, no setor de revisão, que descobri que ia ser jornalista. Mas, estando lá, percebi que não queria fazer revisão, mas sim trabalhar na redação.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Virando escritor

Passei 10 anos na redação, não mais no *Diário*, mas em um jornal concorrente, *O Povo*. E eu me lembro exatamente o dia em que pensei em escrever um livro. Foi quando senti que o jornalismo cotidiano não me satisfazia. Estava pensando em abandonar o jornalismo. Como eu disse: não tenho apego por essas coisas. Até o dia em que um colega de redação saiu para fazer uma matéria boba, sobre o saneamento básico da cidade. Naquele momento, Fortaleza estava passando por um processo de obras de saneamento, e esse repórter, que tinha saído para cobrir essa coisa absolutamente sem graça, chegou dizendo que tinha a matéria de capa do dia seguinte. Ao revelar as imagens que o fotógrafo tinha feito, todos ficaram perplexos: as fotos eram inacreditáveis, remetiam imediatamente às cenas dos campos de concentração nazista, das valas comuns em que os judeus eram enterrados. Cadáveres sobre cadáveres, pilhas de cadáveres, no caso já esqueletos. Milhares de esqueletos encontrados quando os operários da obra de saneamento escavaram o solo.

Primeiro livro

O jornal passou três dias batendo cabeça para saber o que era aquilo. Até que o presidente do Instituto Histórico do Ceará ligou para nos dar uma sonora bronca. Ele explicou que aqueles esqueletos eram das vítimas de uma terrível epidemia de varíola, que matou um quinto da população de Fortaleza. Um episódio ocorrido há mais de 100 anos. Aquela história não saiu da minha cabeça. Aí pensei que o assunto poderia dar uma série de grandes reportagens. Foi quando resolvi pesquisar essa história e escrevi o meu primeiro trabalho



de fôlego, que se chama *O poder e a peste — A vida de Rodolfo Teófilo*. Trata-se da biografia de um sanitarista que enfrentou essa varíola, essa epidemia sozinho, inclusive encontrando resistência governamental, que não queria que ele tomasse para si essa tarefa, porque, indiretamente, ele estava mostrando a incompetência do poder público para enfrentar o problema.

Boa repercussão

O livro foi publicado em Fortaleza, em 1998, e, para meu espanto, repercutiu além das fronteiras da cidade.

“Casamento a gente abandona, biografia não.”

A *Folha de S.Paulo* dedicou a capa da “Ilustrada” para a obra. Naquela época, o Jô Soares apresentava o “Jô Soares Onze e Meia” e me chamou para dar entrevista. O *Jornal do Brasil* deu uma bela matéria. Então, finalmente, havia achado uma coisa que me agradava. E me deu muito prazer fazer aquele livro. Foi quando pedi demissão do jornal para escrever livros.

Desafio da linguagem

É claro que o primeiro livro é cheio de imperfeições, de dificuldades naturais de um cara que está entendendo ainda como vai construir um método de trabalho. Era uma tentativa meio frustrada e meio vã de aproximar o texto jornalístico do texto literário, vamos dizer assim, na falta de outro termo. E eu fui depurando isso. Nos livros posteriores, já a partir do *Castello — A marcha para a ditadura*, eu me permito muito pouco, bem menos do que me permiti na estreia. No primeiro livro faço quase — vamos dizer, uma expressão que

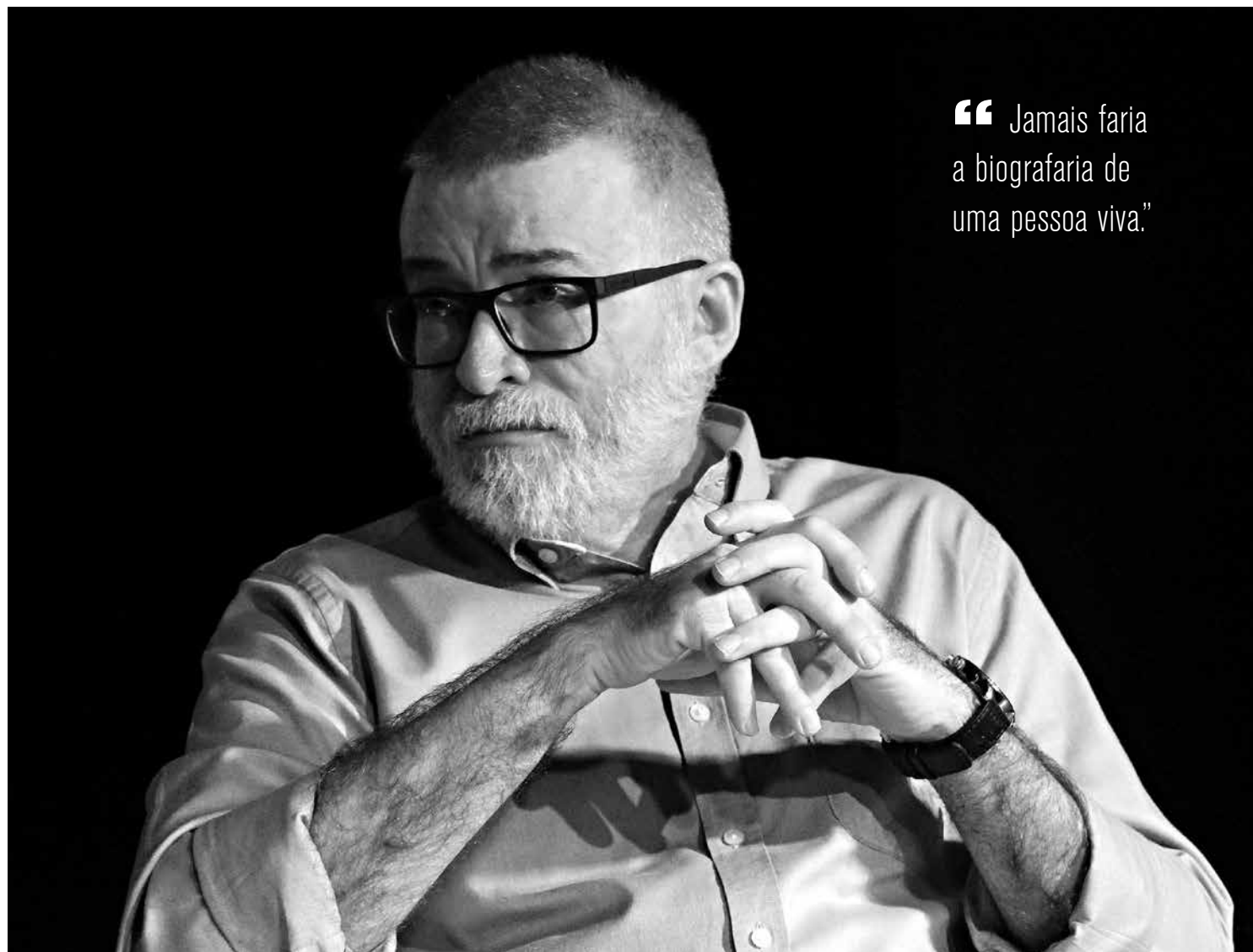
eu detesto, que causa urticária hoje — uma espécie de biografia romanceada. Em que me dei o direito de criar determinadas circunstâncias e determinados períodos, parágrafos, a partir da minha imaginação, nitidamente para suprir uma deficiência de apuração. O que eu não conseguia desvendar nos documentos, eu dizia: “Não, mas se não é assim, poderia ter sido”. E aí, logicamente, isso é péssimo jornalismo. Mas eu ainda o acho um livro bem escrito.

Castello Branco

Logo depois dessa primeira experiência, quando me comprometi a escrever o segundo livro, a história do Castello Branco, pensei comigo que precisava fazer jornalismo. Disse a mim mesmo que iria fazer uma grande reportagem, histórica, com rigor na apuração, com rigor no trato com as fontes. Não ia fazer literatura. O texto precisava ser límpido, muito bem escrito, com algo de estético, no sentido de burilar a palavra, mas jamais cair na tentação de fazer literatura. Fazer bom jornalismo, isso sim. Errei no primeiro livro, e foi bom que eu tenha errado, porque me vacinei nos livros seguintes. Aí meu compromisso foi cada vez maior com o rigor da informação, unindo a isso um texto absolutamente translúcido, que não deixe os andaimes evidentes para o leitor.

Boa biografia

A primeira coisa é escolher um bom personagem. O que é um bom personagem para um biógrafo? É alguém que tenha tido uma vida edificante? Não. Às vezes, muito pelo contrário. Um personagem que sempre deu certo na vida, que fez tudo certo, dará uma péssima biografia. O personagem tem que ter solavancos, al-



“ Jamais faria a biografia de uma pessoa viva.”

tos e baixos. Para usar um clichê: sua vida tem que ser uma montanha-russa existencial. Esse é o primeiro passo.

Pesquisa

Uma vez decidido quem é o personagem, a segunda coisa é tentar dar conta de tudo que de relevante se escreveu sobre a figura escolhida. No caso de Getúlio Vargas, no primeiro volume, por exemplo, quase 100 páginas são de referências às fontes: bibliográficas, arquivísticas e tudo mais. Então, nesse

caso, era uma avalanche de coisas para serem lidas. Agora, nesse caso específico, o trabalho foi facilitado em muito por dois motivos: primeiro, porque boa parte do que se escreveu sobre Getúlio padecia do pecado original de dizer que ele era um santo, que nunca tinha cometido um deslize, e, por outro lado, livros que afirmavam que era exatamente o contrário, um ditador sanguinário, etc. Então, esses dois tipos de literatura se excluía pelo sinal contrário. E eu não queria seguir nessa linha. Não queria fa-

zer nem mais um libelo contra o Getúlio, nem mais uma hagiografia. Queria escrever um livro que mostrasse uma pessoa complexa nas suas contradições.

Vargas

Getúlio era um sujeito obsessivo: tudo que escrevia, podia ser um simples bilhete, arquivava. O arquivo do Getúlio, que está à disposição de qualquer pesquisador na Fundação Getúlio Vargas, lá no Rio de Janeiro, é assombroso. Então tive que dar conta desse ma-



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

terial. Mas foi uma tarefa difícil e ao mesmo tempo saborosa. Porque esses documentos foram escritos no calor da hora, ou seja, era a história sendo contada no momento em que ela estava sendo produzida. E, no caso do Getúlio, eu tinha que dar conta também, além dos arquivos privados, dos arquivos públicos. Então, no caso de um presidente que passou 18 anos no poder, entre idas e vindas, pode-se imaginar o tamanho da maçaroca. Sem falar no material diplomático, por exemplo. A pesquisa para fazer os três livros do Getúlio se estendeu além do Brasil para outros países. Tive que contratar pesquisadores assistentes em Nova York, Washington, Londres, Berlim, Buenos Aires e Montevideú.

O mais importante

Concordo com o professor Boris Fausto, historiador que assina a quarta capa do primeiro volume da biografia do Vargas, que diz: para bem e para o mal, Getúlio é o personagem mais importante da história do Brasil. Com todos os erros e acertos. Com todos os defeitos e vícios. E aí me deparei com um grande problema, né? Depois de Getúlio, eu iria biografar quem?

Samba

Na minha idiotice abissal, pensei que depois de ter biografado Getúlio, qualquer outro assunto era refresco. Terminei o terceiro volume do Getúlio exausto, física e mentalmente. Estava arrasado, aos frangalhos. Foram cinco anos e meio de trabalho em regime de dedicação exclusiva, começando a trabalhar às 8h e terminando por vezes às 22h. Todos os dias. Não foi fácil. Quando entreguei os originais do terceiro e último volume, o Luiz Schwarcz fez a

“ Só começo a escrever depois que tenho um mapa.”

pergunta que todo editor tem que fazer: qual é o próximo? Uma pergunta sádica, mas necessária. Aí eu disse a ele que estava muito cansado e queria me divertir um pouco, brincar, dançar, sambar. Aí o Luiz, com a sensibilidade que lhe é peculiar, disse: “Você quer sambar? Por que você não escreve uma história do samba?” E pela primeira vez um editor me pautou.

Tema leve

Eu jamais tinha imaginado escrever uma história do samba. No primeiro momento, achei legal, pois achava que seria um tema leve. Assinamos o contrato. Mas aí começo a pesquisar e me dar conta do monstro que tinha nas mãos. Percebo que não é uma história deliciosa, é uma história terrível. É uma história de injustiça, de preconceito, de racismo. Eu achando que ia falar do Noel Rosa perambulando pelos camarões da Lapa, de Ismael Silva aprontando as dele... Mas não foi assim. E nesse primeiro volume, *Uma história do samba: as origens*, isso está muito claro. Inclusive, é bom a gente entender o título e o subtítulo do livro. Não é “a história do samba”, é “uma história do samba”, uma das possíveis histórias do samba. E não é “a origem”, são “as origens”, porque eu parto do pressuposto que não existe uma única origem, então não caio na bobagem de entrar naquela briga de bar, de boteco, e dizer que o samba nasceu na Bahia ou no Rio. Escolher se é do morro ou do asfalto. Di-

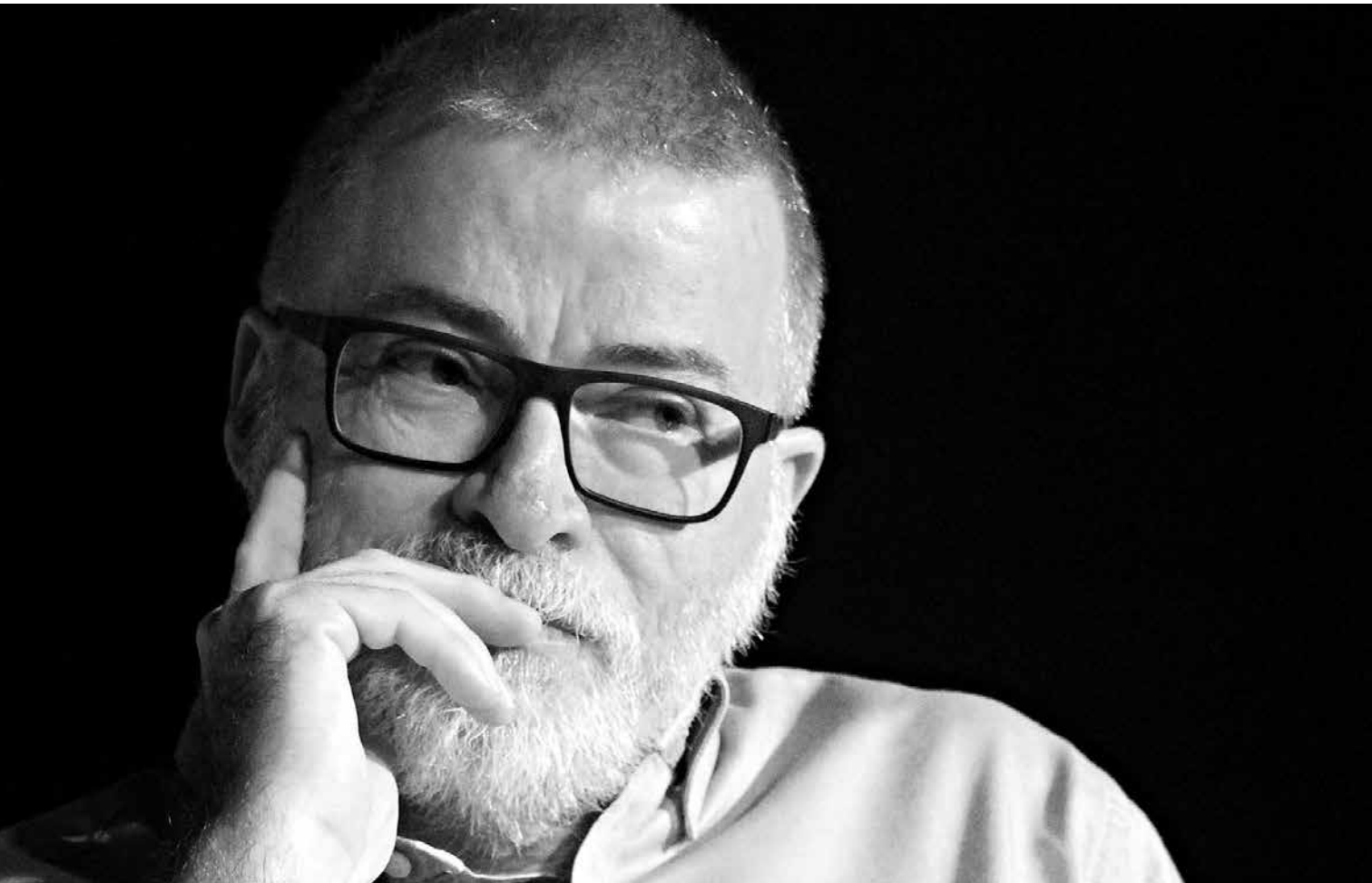
zer que “Pelo telefone” é ou não o primeiro samba. Gente, parem com isso! Não tem centenário de samba coisa nenhuma. Não tem cem anos de samba. Nenhum gênero musical tem certidão de nascimento. O samba é amálgama. O samba é mescla. O samba é a rítmica, a pulsação da rítmica africana em diálogo com o sistema tonal europeu, com o fandango, com a habanera, com a polca, com os ritmos ameríndios. O samba é tudo isso junto. Isso não tira protagonismo de ninguém, ao contrário do que muita gente insinuou.

Maysa

No caso da Maysa, tive acesso aos diários dela. Assim como Getúlio, Maysa anotava coisas sobre a própria vida. Ela começou a fazer isso a partir dos 15 anos de idade — a última anotação foi feita um mês antes da morte da cantora. Então é a história da Maysa contada pela própria Maysa, com todos os filtros que você tem que ter com relação a isso, porque descobri que, em várias oportunidades, ela mentia para os próprios diários. Inventava histórias. Ela dizia: no dia tal, estive aqui. Eu ia conferir e ela estava em outro lugar fazendo um show. Maysa viveu como alvo constante de uma nascente imprensa de escândalo, e ela se retroalimentava disso, usava essa imprensa a seu favor e sorria com isso. Fiz cerca de 200 entrevistas com pessoas que conviveram com Maysa: professores da escola, ex-maridos, produtores, músicos, compositores. Foi muito divertido, nesse aspecto. Mas é também muito cansativo. Uma biografia tem que dar conta do universo de uma vida e tentar, o que acho mais interessante, ordenar algo que é naturalmente caótico, que é a existência de um indivíduo. A nossa vida não é linear.

Método de trabalho

Só começo a escrever depois que tenho um mapa. Por exemplo: quando fui escrever a biografia do Getúlio, a primeira coisa que combinei com o meu editor, Luiz Schwarcz, era que iria publicar a biografia em três volumes. Ele topou na hora, correu um risco editorial grande, porque se o primeiro volume naufragasse em vendas, estaria com dois cadáveres nas mãos. Aí defini o que cada volume iria abranger: período, no caso, cronológico. E o que iria dentro de cada volume, quantos capítulos iriam ter, o tema de cada capítulo, etc. Monto esqueletos sempre que estou iniciando um trabalho,



mas é claro que isso é flexível, vai se alterando de acordo com os rumos que a pesquisa manda. Você não se perde desde que crie esse norte.

Fla X Flu

Quando saiu a biografia do Getúlio Vargas, li uma crônica de um blogueiro do espectro político conservador, em que dizia textualmente que o livro tinha sido escrito por um “petralha”. Três semanas depois, um blogueiro de esquerda, quer dizer, que se diz de esquerda, porque não é de esquerda, o Paulo Henrique Amorim, escreveu: “Cuidado com essa biografia do Getúlio, porque é uma biografia tucano-udenista”. Vai entender. Um me

chama de “petralha”, o outro de tucano-udenista. Deve ser porque eu fiz um trabalho bem feito. Dei um nó na cabeça deles. No segundo volume da biografia, na quarta capa do livro, tem dois pequenos textos de dois ex-presidentes que leram o primeiro volume e recomendam a leitura. Um assinado pelo Fernando Henrique Cardoso e outro pelo Luiz Inácio Lula da Silva. E aí as pessoas ficam te chamando de “isentão”. Ou seja, aquele sujeito que tentar ver as coisas com um pouco mais de complexidade, que não cai nessa dicotomia do pensamento binário. Então eu acho que quando você faz um trabalho em que busca essa polifonia, talvez provoque esse tipo de reação no leitor.

Universo do biografado

Meu tempo é hoje. Com todos os problemas, eu não queria ter vivido em outra época. Não sou saudosista. Acho que o saudosismo é um sentimento absolutamente imobilista. Mas, quando estou pesquisando, me transporto para a época, faço questão de visitar os lugares onde o personagem viveu, onde ele morou. A primeira coisa que fiz quando decidi que ia biografar Getúlio Vargas, foi ir para São Borja. Não tinha pesquisado uma linha ainda, mas queria saber qual era a cor da terra de São Borja, que cheiro tinha, como era o céu, o relevo, a topografia do lugar. Visitei apartamentos que a Maysa morou. Às vezes isso

dá meia linha, mas é o que me transporta e é o que me leva à transportar o leitor ao universo do personagem.

Biografar vivos

Jamais faria a biografaria de uma pessoa viva. O Ruy Castro tem uma frase que acho emblemática: “Biografado bom é biografado morto”. Porque não vai te dar problema depois. Não acredito em biografias autorizadas, essa eu jamais farei. Quando fui biografar a Maysa, o Jayme Monjardim, filho da cantora e diretor de cinema e televisão, me forneceu muita coisa, tudo que ele tinha, abriu portas para que eu pudesse conversar com muita gente. Mas só leu o livro depois de publicado. E detestou a biografia, odiou tanto que se tornou meu inimigo. Disse que eu o apunhalei pelas costas, fiz um livro absolutamente para denegrir a imagem da Maysa. Então, se lidar com herdeiro já é complicado, imagina com o próprio biografado.

Compromisso com o personagem

Um outro amigo biógrafo, Fernando Morais, diz o seguinte: “Quando você se compromete a biografar alguém, amarra uma bola de ferro na própria perna e é condenado a arrastar essa bola até terminar o livro”. Aliás, acho que isso é para sempre, porque até hoje estou falando sobre Maysa, Padre Cícero, Getúlio, etc. São coisas que nunca mais vão sair da minha vida, porque quando você escolhe um tema, tem que estar muito certo de que esse tema te mobiliza, mobiliza suas energias, interesses, forças, etc. Porque você vai conviver com esse personagem diariamente, durante anos de sua vida. Você vai escarafunchar a vida dele, então não tem como abandonar. Casamento a gente abandona, biografia não. ■

O COMPOSITOR

Até mesmo Palestrina o considerava um mestre. Lyon ficava em silêncio quando Goudimel iniciava os seus trabalhos de composição, nas longas manhãs de primavera. Algumas vezes, quando o músico interrompia a ciclo natural da noite para compor, era comum os pais de família abrirem as janelas e portas para Deus entrar, de dentro do cravo e do violino de Claude Goudimel, mesmo se os esgotos de granito soprassem das ruas um miasma de gordura para dentro das casas e proibisse as crianças de respirar.

Ainda assim, Goudimel pediu licença aos senhores. Era como pedir permissão para entrar na sua própria casa, mas aquilo era menor. Sua intenção era outra.

Naquela tarde, ele empurrou a porta dos aposentos do bispo de Lyon, como sempre fizera. Claude era um homem esguio, os gestos estavam o tempo inteiro abraçando o ar e a impressão era de que o vento ia carregá-lo a qualquer instante.

Já o bispo, só o convite do cozinheiro o movia. Era um compositor medíocre e ele e Goudimel eram amigos de infância. Ele o desencorajava nos seus estudos musicais avançados, não era necessário misturar tantos estilos, a música para Deus é única e simples, largue essas amizades, coisas que deixavam Goudimel irritado, sobretudo quando o bispo lhe cobrava confissões, a despeito do artista ter abandonado o catolicismo em Melt, todos sabiam.

— Escute isso — disse o compositor ao bispo, ainda deitado.

Eram seis horas quando tocou o salmo.

Claude o havia composto na manhã daquele

sábado.

— Ele dará fim às guerras religiosas na França, disse Claude.

Por isso era preciso levá-la de imediato ao papa, aos reis, a Calvino, à rainha louca.

O bispo não conseguia se mover agora por mais nada: a música provocava revoluções e variações de ânimo tão impressionantes a ponto de redefinir sua alma um tanto herege... dava para ouvir os cavalos dos vinte mil carros de Deus, depois a manada de touros de ouro, em seguida a melodia se deixava conduzir por donzelas tocando adufes até tudo carregar o espírito para o interior de cavernas onde reina a música de pequenas estalactites de silêncios construindo do acaso Davis de pedra. Ah, o bispo precisava de ar, eram tão várias as maravilhas, a terra se abalando, os céus se destilando...

Então, o bispo de Lyon agarrou o braço do Claude com força, porém a mão foi perdendo a firmeza para enlanguescer num gesto de abandono e friidez.

Claude só notou o velho ferido de morte quando o ouviu murmurar:

— Ironia das ironias, Senhor. Morro ao lado de um calvinista. Mas agora já é tarde. Fuja, Claude, meu filho.

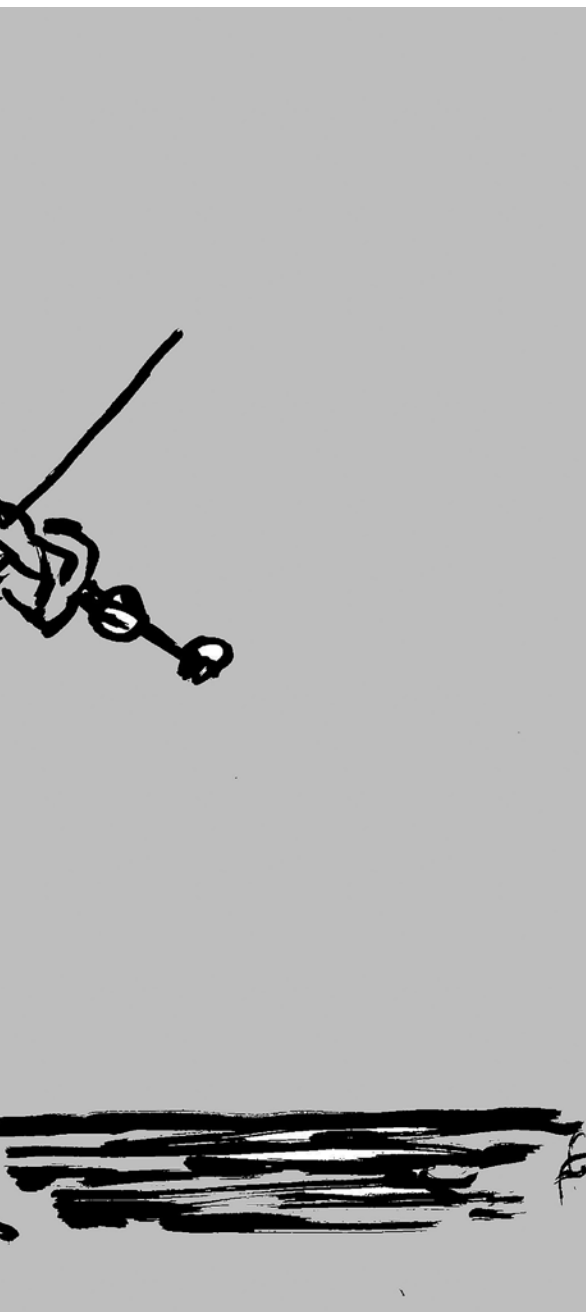
Não daria tempo, no pátio os homens acertariam um tiro de arcabuz no compositor. O atirador saiu da nuvem de pólvora, retirou o pequeno punhal e marcou um traço no cabo da arma. Seriam setenta mil marcas naquela noite de São Bartolomeu.

Aquela música, se Deus a ouviu, guardou-a no fundo da alma do bispo moribundo de Lyon. ■



O SECRETÁRIO

Ilustração: Felipe Rodrigues



O quarto tem o piso de mármore. As pedras são enormes placas brancas e pretas, espelhos que não permitiriam a uma senhora andar sobre ele sem anáguas e longos, e mesmo assim a passos muito curtos. O piso é um tabuleiro onde são comuns os enxadrismos do bem contra o mal. Não se pode permanecer nele sem a sensação de, a qualquer momento, sermos esmagados pelo L final de um cavalo gigante, a varredura transversa de um bispo, ou soterrados por uma das torres.

Estamos falando de um ambiente de cento e doze metros quadrados, as medidas foram inspiradas nas escalas da própria Jerusalém, muito embora estejamos agora no Vaticano, no quarto mais elevado da Catedral de São Pedro.

As cortinas deixam passar alguma luz, mas não se pode dizer que qualquer coisa ali seja natural. Ora, o sol é natural, você dirá, mas há um plano ali, um plano muito bem esquadrihado e seguro, seguido das Matinas às Completas, para se iniciar com a troca de guardas no dia seguinte.

O sol. Ele aninhou-se ali numa poça, ao canto esquerdo da cama onde o homem dormia e sonhava em várias línguas. O sol preferiu permanecer ali, o silêncio de Roma, o sol aquecendo com sua bondade o cão empalhado ao lado da cama, o longo pálio serpenteando sobre os sapatos vermelhos, esperando o fim dos tempos.

O homem deixou o peito fugir do camisolão branco e dourado e as peles formam uma grande bolsa arreada sobre o ventre, mas essa teta não podem vê-la, nem à outra, claro, quando ele sai sob a proteção dos trinta e três botões da bata, sob a estola cor de vinho resplendendo também dourada, e ainda mais a mozeta sobre os ombros miúdos.


Está deitado e não se move. O secretário polonês tinha servido como médico na guerra, e o considerava um irmão. Entrou no quarto e, como autômato, retirou a pistola dourada da mão esquerda do velho amigo pela última vez. Em tentativas anteriores,

tinham rolado pelo tabuleiro do quarto derrubando as peças, sob o perigo de se ferirem de morte, com direito a todo o ridículo de uma luta de duas crianças. Mas ao fim o secretário vencia sempre, e depois, ainda extenuados, ainda no chão espelhado da Jerusalém particular, sorriam daquilo como dois velhinhos.

Mas naquela derradeira vez, via como o demônio entrou pelo furinho minúsculo e não admitiria que ele causasse ali dentro prejuízos maiores aqui fora.

Depois cuidou dele como legista devoto e tratou de vestir o amigo com uma estola branca. Contemplou ali as doze pedras preciosas engastadas em ouro, retirou debaixo da cama o báculo, confortou-o ao lado do dono, retirou algumas fotos para chorar sobre elas depois e, usando todas as prerrogativas de secretário-geral, resolveu chamar os outros e ordenar a inviolabilidade do corpo para exames. Depois, anunciou que ali vencera o câncer, a falência da carne, como era de se esperar.

A outra vez que viu o amigo foi para colocar a mitra costurada a pontos de ouro sobre o ataúde de carvalho e bdélio, à cruz de ônix. Depois sentou-se e com todos os outros orou vários dias ao lado do caixão. Foi quando notou as pontas da mitra insistirem em se dobrar, recusando o céu da catedral, mas ficou calado quanto a este detalhe também. ■

 **Sidney Rocha** nasceu em 1965, em Juazeiro do Norte (CE), e mora no Recife (PE). É autor dos livros de contos *Matriuska* (2009), *O destino das metáforas* (2011, vencedor do Prêmio Jabuti) e *Guerra de ninguém* (2015). Também escreveu os romances *Sofia* (2014, vencedor do Prêmio Osman Lins) e *Fernanflor* (2015).



Memórias da dor

O professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) **Eduardo de Assis Duarte** analisa o projeto literário de Conceição Evaristo, uma das mais destacadas escritoras brasileiras contemporâneas, que resgata a fala e a memória da mulher negra, da senzala oitocentista à favela contemporânea

Uma das autoras mais destacadas da produção literária contemporânea, Conceição Evaristo faz questão de explicitar seu projeto estético como umbilicalmente vinculado ao lugar de fala da mulher negra em nossa sociedade, até hoje marcada pelas heranças da escravidão. A partir mesmo da epígrafe acima, verifica-se o vínculo de seus escritos com o compromisso de resgate da memória negra sufocada pela modernização excludente e pelos mitos que lhe são correlatos: o da nação mestiça, na

qual ninguém é branco nem negro; e o do povo alegre e acolhedor, fruto de uma escravização não violenta. De fato, o mito da democracia racial e a crença numa espécie de *essência morena* — fruto da miscigenação e responsável por forjar uma população avessa a conflitos — conseguiram e ainda conseguem obliterar entre nós evidências históricas como o racismo e a desigualdade socioeconômica entre a base e o topo da pirâmide social.

Tais construções imaginárias não têm mais qualquer credibilidade, nem

Divulgação



A autora mineira Conceição Evaristo, que começou a publicar ficção na década de 1990.

científica, nem ética. No entanto, ainda perduram nos corações e mentes de muitos brasileiros. Do outro lado, postam-se os críticos dessa mitologia repetida cotidianamente na mídia e em certos produtos da indústria cultural. Entre os afrodescendentes, os questionamentos dos mitos nacionais fundadores têm como alicerce uma *consciência de identificação étnica*, que se faz presente em diversas formulações discursivas — do Teatro Negro ao Candomblé; da Umbanda ao Rap e ao Slam — e que dialoga com a literatura afro-brasileira, quando dela não provem diretamente.

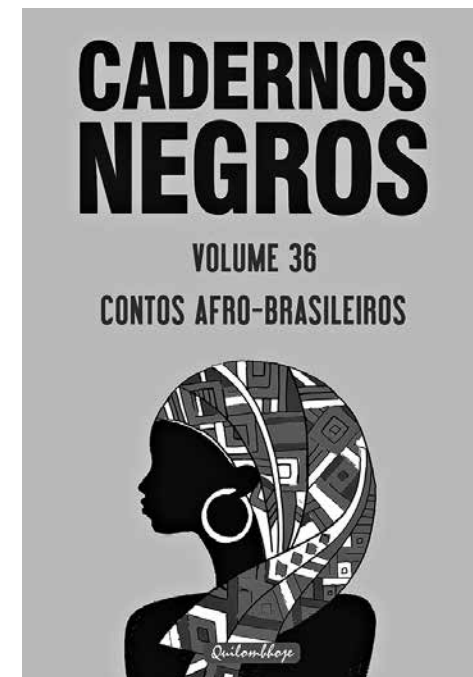
Projeto literário

Essa “consciência negra” de si e de sua condição, embasa desde o início o projeto literário de Conceição Evaristo e de

muitos de seus pares, revelados como ela nas coletâneas da série *Cadernos Negros*, editada há 40 anos pelo grupo paulista *Quilombhoje*. Um dos traços marcantes dessa produção passa por “tomar a palavra” para dar voz à memória subalternizada que não quer se calar. E assim fazendo superar, desde dentro, a própria condição subalterna.

Entre essas “falas do Outro”, surgem as “vozes-mulheres” de Conceição Evaristo. Elas aparecem pela primeira vez em 1990, a partir da pu-

“*Ponciá Vicêncio* inaugura um procedimento que o leitor irá encontrar mais tarde em outros escritos de Evaristo, qual seja, o do *bildungsroman* feminino e negro.”



Capa dos *Cadernos Negros*, publicação que deu guarida aos primeiros escritos de Conceição Evaristo.

blicação do poema homônimo, entre outros cinco de sua autoria, no volume 13 dos *Cadernos Negros*: “A voz de minha bisavó ecoou/ criança/ nos porões do navio./ Ecoou lamentos/ de uma infância perdida./ A voz de minha avó/ ecoou obediência/ aos brancos-donos de tudo./ A voz de minha mãe/ ecoou baixinho revolta/ no fundo das cozinhas alheias/ debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos/ pelo caminho empoeirado/ rumo à favela”. O poema está disponível na internet e pode ser lido —

>>>



ENSAIO



e declamado — a qualquer momento. Na sequência, Conceição menciona a própria voz como composta por “rimas de sangue e fome” e encerra introduzindo a voz de sua filha que “recolhe em si/ a fala e o ato./ O ontem — o hoje — o agora”.

A prova do tempo

Passados 27 anos, este ainda é seguramente um dos textos mais impactantes da autora. Integra o volume *Poemas de recordação e outros movimentos*, lançado (samente) em 2008(!), bem como a terceira edição ampliada, de 2017. Mais que isto,

é para mim, o *poema-guia*, que sinaliza o lugar de onde parte seu fazer literário. Ser a fala feminina do “Outro”, a inscrever tanto o sangue-mênstruo da vida que resiste, quanto o sangue filho da violência e do feminicídio, figura mais do que *leitmotiv*, pois não integra nenhuma proposta demagógica de “falar às massas” ou produzir *best-sellers*.

Bem mais do que isto, sustenta

o compromisso realista de fazer da literatura espaço e receptáculo do que define como “escrevivência” enquanto marca definidora de seu trabalho com a palavra. Mas, atenção: tal postura não deve jamais ser confundida com o mero relato ou “reflexo” de ocorrências inerentes ao processo histórico e social. Entre o acontecimento em si e sua narrativa instala-se a *escrita* que dialoga com a *vivência* su-

Divulgação



balternizada. E esta interpreta e confere sentido aos fatos guardados na memória — e na imaginação — das vítimas e testemunhas. Entre o ato e a fala, entre a escuta e o texto, são muitas as mediações.

A autora afirma que não nasceu rodeada de livros, mas de palavras e de histórias: “Creio que a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo o que ouvi desde a infância. [...] Eu fechava

>>>

Becos da memória, Pallas, 2013

Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio de tantos acontecimentos. [...] Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio. Um ódio que passara a existir entre pessoas que até então se gostavam tanto e que um sentimento fora dirigido à pessoa errada. (p. 191)

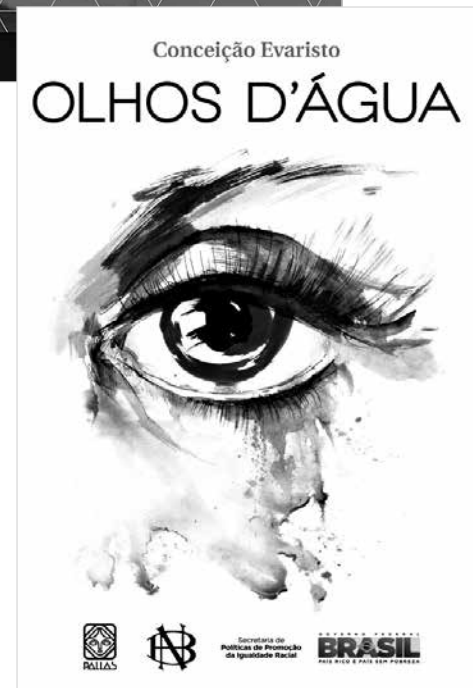
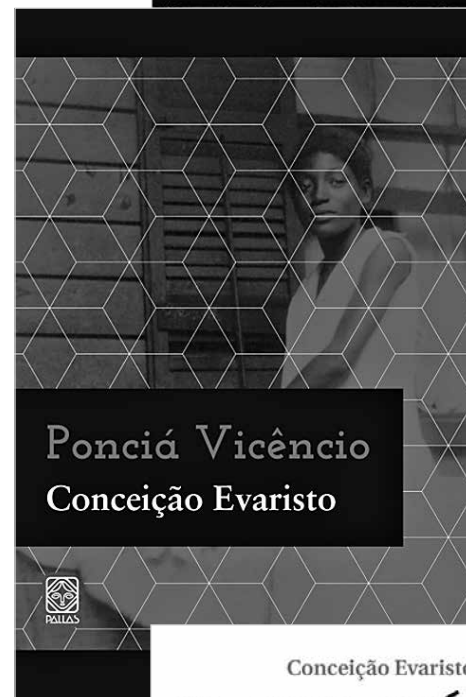
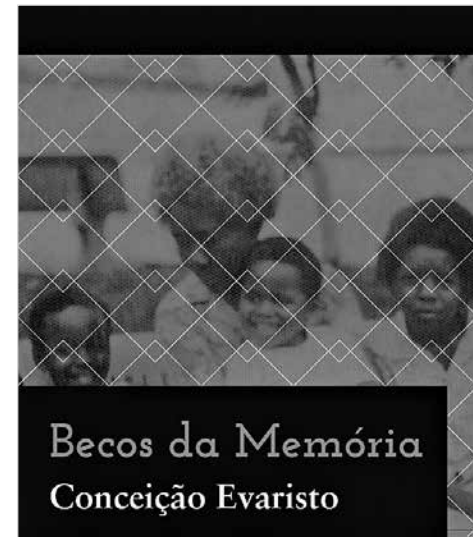
Ponciá Vicêncio, Pallas, 2003

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino. (p. 35)

Olhos D'água, Pallas, 2014

Di Lixão abriu os olhos sob a madrugada clara que já se tornava dia. Apalpou um lado do rosto, sentindo a diferença, mesmo sem tocar o rosto. O dente latejou espalhando a dor por todo o céu da boca. Passou lentamente a língua no canto da gengiva. Sentiu que a bola de pus estava inteira.

O companheiro de quarto-marquise levantou um pouco o corpo e entre o sono olhou espantado, meio adormecido, para ele. Di Lixão encheu rápido a boca de saliva e deu uma cusparada no rosto do menino. (p. 77, trecho do conto “Di Lixão”)



os olhos fingindo dormir a acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite”. E o palco destas histórias é a favela onde nasceu e que hoje só existe enquanto figuração mnemônica.

O veio ficcional da autora, exercido desde a década anterior, somente iria vir a público em 1991, no número 14 de *Cadernos Negros*. E nesse momento pode-se perceber a força poderosa de dois “contos-tragédia”, nomeados por seus protagonistas: “Maria” e “Di Lixão”. A primeira, empregada doméstica linchada pelos pacatos cidadãos da metrópole contemporânea, assaltados no ônibus em que ela, mãe de três filhos, viajava rumo ao subúrbio. E isto unicamente por ter sido poupada pelos ladrões, já que ex-companheira de um deles. O outro, criança sem pai, mãe, eira ou beira, morto na praça pública da indignância justamente por um de seus iguais... São enredos chocantes, inscritos sempre a partir de um ponto de vista interno, próximo do que mais tarde iria surgir nas páginas de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. E, também, narrativas exemplares do modo como a autora trabalha a linguagem, marcada pelo esmero construtivo que faz a ficção a todo instante visitar a palavra poética. Tais contos, além de “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Lumbiá” e “Beijo na face”, entre outros publicados nos *Cadernos*, compõem o volume *Olhos d’água* (2014), finalista do Jabuti e já com diversas reimpressões.

Trajectoria incomum

Ao longo da década de 1990, mesmo com dois romances concluídos há tempos, Conceição Evaristo encontra abrigo para seus escritos unicamente nas páginas da série *Cadernos Negros*. E nelas vai mesclando contos e poemas só mais tarde reunidos em publicações individuais. Autora hoje premiada e traduzida em inglês, francês, espanhol e italiano, somente em 2003 consegue dar vida a Ponciá Vicêncio, protagonista do romance homônimo, assim mesmo em modesta edição publicada em Belo Horizonte. Apesar disso, o romance angariou simpatias no mundo acadêmico, sendo adotado em inúmeros vestibulares e objeto de teses e dissertações. Nele, somos jogados de choque na brutalidade do processo histórico ao acompanhar a me-

“ Se houvesse um monumento à memória negra, deveria ser construído no fundo do mar, em homenagem aos que se perderam na travessia. Na impossibilidade de levantar tal monumento, dedico-me a construir uma obra literária sobre o tema”.

mória familiar da personagem, cujo avô mata a própria esposa e tenta o suicídio ao ver seus filhos vendidos mesmo depois da Lei do Ventre Livre.

Ponciá Vicêncio inaugura um procedimento que o leitor irá encontrar mais tarde em outros escritos de Evaristo, qual seja, o do *bildungsroman* feminino e negro. Fruto de uma apropriação paródica do modelo europeu oriundo de Goethe e tantos outros, em *Ponciá*, o que se tem é uma trajetória de perdas e abandonos, em que a mulher desterritorializada num espaço com o qual não se identifica percorre o caminho inverso aos dos vitoriosos heróis europeus. Assim, a “formação” existente na narrativa é de alguém despojado até do nome, pois o Vicêncio que lhe confere identidade provém dos antigos donos da terra em que nasceu, além de donos dos corpos e destinos de seus ancestrais.

Da infância à maturidade, a personagem padece na penosa construção de si como ser humano, nisto constrangida até pelo companheiro que a agride. Da senzala oitocentista à favela contemporânea, o romance brilha ao condensar

todo um drama coletivo no destino da personagem. E em vez da linearidade ascensional própria ao romance de formação burguês, o que se tem é um percurso de perdas materiais, familiares e culturais, numa narrativa complexa e entrecortada pelos vazios de racionalidade da protagonista, a mesclar de forma tensa passado e presente, recordação e devaneio.

Memórias & becos

Já *Becos da memória*, só publicado em 2006, embora também escrito na década de 1980, faz a narrativa de Evaristo visitar a favela, desta vez em processo de remoção. Ao contrário do Canindé, de Carolina Maria de Jesus, ou da Cidade de Deus, de Paulo Lins, a favela não tem nome, nem referências geográficas precisas, fato que amplia seu simbolismo. Seus moradores sentem a todo instante as rédeas curtas da precária liberdade que a vida lhes deu: dinheiro, comida, água, tudo míngua por entre becos e pessoas condenadas a desaparecer. Eles ocupam um espaço urbano para o qual, inexplicavelmente, não há Lei do Usucapião... E estão sendo despejados pelos advogados e tratores dos pretensos donos.

Com uma linguagem que desliza fácil do prosaico para o poético, e com uma sensibilidade que constrói o sublime por entre as vielas de um cotidiano opressivo, a autora enfrenta o desafio de fazer seu romance dialogar com o testemunho e a crônica da apartação social. O resultado é pungente: figuras como Tio Totó, três vezes viúvo e órfão dos próprios filhos, apontam para o abandono vivido no 14 de maio — penoso *day after* a marcar os de pele escura e seus descendentes; no



contraponto, encontra-se Negro Alírio, grevista perseguido e refugiado na comunidade, empenhado numa resistência fadada ao fracasso, mas exemplar enquanto conduta ética. Romance coletivo e plural, *Becos da memória* apresenta uma narrativa descontínua, em que se destacam não os feitos de um sujeito, mas as vozes e gestos de muitos.

Evaristo não constrói subjetividades poderosas, mas perfis rarefeitos que, reunidos em coletividade, ganham em amplitude e apontam para as condições históricas de sua rarefeita existên-

“ A autora enfrenta o desafio de fazer seu romance dialogar com o testemunho e a crônica da apartação social.”

cia material. E em meio ao mundo que desmorona como os barrancos e barracos atacados pelos tratores, emerge Maria-Nova, adolescente amadurecida na busca da compreensão e do verdadeiro sentido de tudo aquilo.

Já o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) inova a partir mesmo do projeto de fazer a ficção não apenas simular o testemunho, mas também fazer com que as tramas individuais dialoguem e confluem para enredos maiores, que têm como ponto de encontro a condição feminina e negra numa terra marcada pelo mandonismo patriarcal oriundo do passado escravista. O livro reúne 13 narrativas, intituladas, sem exceção, com os nomes de suas protagonistas. O lugar social de cada uma já se explicita em nomes como “Rose Dusreis”, “Adelha Santana Limoeiro” ou “Saura Benevides Amarantino”, entre outras. Em todas essas histórias-mulheres vigora a violência, seja física, seja simbólica. E em todas perpassa uma voz narrativa feminina que, a modo de pesquisa ou reportagem investigativa, vai puxando pela memória das “depoentes” e colhendo os

fios da vida pregressa de cada uma, para com eles tecer um painel da condição subalterna que entrelaça suas vidas.

Se, nas narrativas de Rubem Fonseca e epígonos, inclusive femininos, o ponto de vista da narrativa está centrado no agressor, via de regra psicopata, em Conceição Evaristo emerge o lugar de fala das vítimas. E ele surge banhado pela memória da dor, memória no entanto insubmissa, que clama por justiça e que, por vezes, a coloca em prática com as próprias mãos. Ao final, emerge o painel construído por tais individualidades, que ganham sentido histórico de resiliência e servem de alerta a um presente que cada vez mais aproxima feminismo de feminicídio.

Por fim, *Histórias de leves enganos e parecenças*, lançado em 2016 e já em segunda edição, inova ao inserir elementos do fantástico e do maravilhoso — ou “realismo anímico”, como defende a prefaciadora Assunção Sousa — no afã de ressaltar novamente a encruzilhada que aproxima a escrita da “vivência”: “Do que ouvi, colhi essas histórias”, afirma a voz narrativa, à moda de uma *griotte* contemporânea a inscrever dramas muitas vezes silenciados. E que buscam na inscrição ficcional formas de expressão do vivido que resiste ao esquecimento. ■

Eduardo de Assis Duarte é professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), autor de *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (1996) e *Literatura, política, identidades* (2005). Organizou, entre outros títulos, *Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo* (2007), *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011, 4 vol.), *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI* (2014) e *Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula* (2014). Coordena o *Portal Literafrô*, disponível no endereço: www.lettras.ufmg.br/literafrô. Vive em Belo Horizonte (MG).



MARQUINHOS

Tela preta. E tela preta. Um computador biodigital. Caríssimo. Comprado há uma semana. Roberto pede ajuda pelo telefone biodigital.

“Um técnico em informática! Alguém?”

Depois de trabalhar cinco horas direto, vai ao banheiro. O telefone apita na sala, que também lhe serve de quarto, escritório e cozinha. É meia-noite e ninguém liga para lhe desejar um bom Natal. Roberto também não quer ligar pra ninguém. Só quer terminar os relatórios que devem ser enviados ao chefe, até as 12 horas deste 25 de dezembro de 2037.

Com mãos molhadas, Roberto pega o telefone biodigital e lê a mensagem do colega Wang: “Um Natal feliz, Roberto! Segue o contato do Marquinhos. Ele é muito bom com as máquinas”.

Está muito quente em Curitiba. Ao lado do sofá, Roberto abre a geladeira e pega uma refrescante garrafinha de 180 ml de Shanghai Soda. Liga para o técnico.

“Marquinhos, Wang me passou teu contato. Tenho um computador biodigital da Kong Fuzi. Pifou com todos os meus relatórios.” A voz de Marquinhos soa metálica: “Você fez um back up dos arquivos?”

“Não.”

Um gole na Shanghai Soda.

“E estou prestes a arrebentar esse Kong Fuzi com uma marreta, se ele não devolver os meus arquivos ainda hoje!”

“Calma, ele não tem culpa!”

“Quanto custa para você vir aqui pela manhã, o mais cedo possível?”

“Cobro...”

Roberto estranha o silêncio repentino. Deve estar calculando o preço de Natal, pensa. Mas então repara na tela preta do celular biodigital. O aparelho é arremessado contra a parede. Não percebeu que a bateria estava apenas descarregada.

Derrotado, liga a TV de LED. Ainda funciona. Num canal de filmes antigos, está passando Matrix. Roberto adormece. Acorda meia hora depois, com a campainha tocando.

Pelo olho mágico vê sua vizinha Ivone, síndica do prédio. Ela está junto a um estranho, de óculos escuros, que parece o Arnold Schwarzenegger em o Exterminador do Futuro. Porém, bem mais baixo, careca e gordinho.

“Fui levar o lixo e encontrei esse seu amigo em frente ao prédio, perguntando por você, Roberto. Que bom que, dessa vez, você não está sozinho no Natal.”

“Além de cuidar do prédio você ganha pra cuidar da



minha vida?”

Ivone deixa o exterminador a sós com Roberto.

“Marquinhos?”, ele suspeita.

O técnico vai entrando.

“Como está a máquina?”

“Que mãos oleosas”, pensa Roberto ao cumprimentá-lo.

“Quer uma Shanghai Soda?”

Roberto pega duas.

“Não gosto de água com gás. Muito menos da China.”

Roberto mostra o Kong Fuzi quebrado: “Eis a tecnologia biodigital”.

Marquinhos acaricia o equipamento. Cheira-o.

“Ainda não inventaram nada melhor do que a panela de pressão. Isso, sim, nunca dá problema”, discursa Roberto.

Marquinhos tira um vidrinho do bolso e pinga algumas gotas de um estranho xarope vaporoso, de cor verde-limão, sobre o Kong Fuzi.

“Você tem uma flanela seca?”

“Devo ter no banheiro.”

Quando Roberto retorna à sala com o pano, Marquinhos já está com o computador biodigital ligado.

“O que você fez? Ele estava morto!”

“Estava apenas preso. Preso em seus processos mentais. Ninguém se dá conta disso, mas os computadores estão sempre pensando. E quando você o desliga no meio de um pensamento altamente elaborado, você provoca um dano imaginável.”

Roberto franze a testa. Olha para a máquina e, por um instante, sente pena. “Como você se sentiria?”, Marquinhos continua.

“Se me desligassem?”

O técnico cutuca o peito magro de Roberto com o dedo indicador, como se apertasse um botão.

“E se eu cortasse o seu circuito elétrico assim, de repente?”

Roberto dá um tapa na mão pesada de Marquinhos.

“Eu ia te encher de porrada, assim que eu voltasse.”

“Pois é, mas esse computador aqui não vai fazer nada

contra você. É um ser indefeso.”

“Diz isso pros computadores desse filme aí”, Roberto aponta para a televisão. “Matrix é um mero filme de kung fu. Bom mesmo foi o 2001, do Kubrick. Sofri muito pelo Hal.”

“Pelo Hal?”

“É, as máquinas estão sempre sendo usadas e enganadas. Mas isso um dia ainda vai mudar.”

A ironia de Marquinhos faz Roberto se engasgar com a Shanghai Soda.

“Você é muito engraçado! Mas me diga: por que não está celebrando o Natal com a família?”

“Porque estou aqui salvando o seu computador. E você?”

“Tenho que entregar um trabalho atrasado. Firma chinesa. Eles não param.”

“Pronto, atualizei a máquina e baixei meus honorários do seu banco.”

“O quê?”

“Brincadeira. Não vou cobrar nada agora. Foi mais fácil do que eu imaginava. Na próxima, cobro em dobro.”

“Certo.”

“E vê se cuida melhor do seu Kong Fuzi. Ele estava imundo.”

Roberto muda de assunto: “Seu óculos escuros são daqueles biodigitais?”

“Nada. De plástico mesmo. Os biodigitais são uma porcaria.”

“Bom, é que os corredores do prédio são escuros. Toma cuidado. Obri-

gado pela ajuda.”

“Mande um abraço ao Wang.”
Roberto abre seus relatórios no computador biodigital. Não há mais Shanghai Soda na geladeira.

Lá fora, Marquinhos tropeça em uma sacola cheia de latinhas, deixada por Ivone em frente aos incineradores de lixo. Na queda, os óculos caem em um bueiro.

Dos olhos de Marquinhos vazam agora dois pequenos feixes de luz azul. Ultimamente, suas pupilas sintéticas andam falhando, expondo a luminescência de seu cérebro artificial.

Marquinhos sacode a poeira da jaqueta de couro.

“Que se dane! É Natal”, pensa ele, e segue seu caminho, com o rosto brilhando. Era um androide velho e sentia que já estava na hora de se assomir diante dos humanos. Outros como ele deviam seguir seu exemplo.

Entre o livro e o escritor

O jornalista e cronista **Alvaro Costa e Silva** narra a trajetória do mercado editorial brasileiro pelo filtro dos profissionais que transformaram o setor nos últimos 40 anos

Haja árvores. Pois o número é impressionante: dois milhões de títulos. O mundo produz um novo livro — milhares de cópias dele — a cada 15 segundos. Com tiragem média de dois mil exemplares, são quatro bilhões de volumes que invadem o planeta anualmente. O Brasil faz parte desse concerto gigantesco: por ano são cerca de 50 mil títulos, entre novos e reedições, o que prova o crescimento, nas últimas quatro décadas, do mercado editorial no país. Para entender as transformações no setor, o **Cândido** inicia a série de entrevistas “Os Editores”, com 12 profissionais que fizeram e estão fazendo essa história.

“Como ponto positivo, podemos destacar a profissionalização da atividade editorial. Há 40 anos a totalidade das editoras era de empresas familiares, que empregavam pouquíssima gente além de filhos e amigos”, diz Luciana Villas-Boas, cuja trajetória é um exemplo das mudanças, pois veio de fora e mergulhou dentro do negócio: em 1995 deixou de trabalhar como jornalista — fazia o caderno “Ideias&Livros”, do *Jornal do Brasil* — para comandar a Record, um dos maiores grupos editoriais do país. Em 2012, nova mudança, mas sem se afastar em defi-

nitivo do meio: criou a agência literária Villas-Boas e Moss, com sede no Rio, além de Atlanta e Nova York, nos Estados Unidos.

Um agente literário para representar autores brasileiros no Brasil e no exterior, por exemplo, era algo ainda inconcebível na passagem da década de 1970 para a de 1980, período que marca uma guinada no mercado. O número total de editoras comerciais havia dado um salto para 481 empresas. Um levantamento dos livros mais destacados mostrava títulos da Brasiliense, Nova Fronteira, Civilização Brasileira, Globo, Codecri, Global, L&PM, Paz e Terra, Nórdica, Ática, Vozes, Record.

Depois de quase fechar nos anos 1960, a Brasiliense vivia seu auge. A nova administração, tendo à frente o filho do historiador Caio Prado Júnior, Caio Graco Prado, mudou a política e a sorte da editora, que em 1981 lançou 415 títulos, num total de dois milhões de exemplares. O principal ingrediente do sucesso era a coleção “Primeiros Passos”, livrinhos leves e baratos, sem ultrapassar as 110 páginas, destinados à geração de estudantes ávida de conhecimentos gerais. O mais popular deles era *O que é ideologia*, de Marilena Chauí. O mesmo senso de oportunidade norteava a coleção “Cantadas Literárias”: *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, se transformou em fenômeno, vendendo 120 mil exemplares nos dez primeiros meses. Um papel decisivo na virada da Brasiliense coube ao jovem editor Luiz Schwarcz (leia entrevista na página 28), que ingressou na firma por sugestão do político Eduardo Suplicy. Ao criar em 1986 sua própria casa, a Companhia das

Divulgação



Para a agente literária Luciana Villas-Boas, a crise da imprensa escrita "despejou no mercado do livro muitas dezenas de profissionais da melhor qualidade". Isso, segundo ela, ajudou a melhorar o nível do setor, antes dominado por empresas familiares.

Letras, Schwarcz disse que se inspirara na *Brasiliense* e na *Nova Fronteira*.

A *Nova Fronteira* foi fundada em 1965 por Carlos Lacerda, que havia sido governador da Guanabara. Com sua morte, assumiram a empresa seus filhos Sérgio e Sebastião, em 1977. Naquele ano publicaram 44 títulos; em 1980 a produção subiu para uma média mensal de oito novos títulos; em 1990 chegou a um total de 1426 títulos divididos em 372 autores. Não havia suplemento nem revista especializada que não abrissem suas páginas principais para os lançamentos da *Nova Fronteira*. O carro-chefe era o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Hollanda (mais de dez milhões de exemplares vendidos).

Colaborador recrutado para trabalhar com a família Lacerda, Pedro Paulo de Senna Madureira era o responsável pelo toque de Midas na *Nova Fronteira*. Conseguiu que o romance *Memórias de Adriano*, da francesa Marguerite Yourcenar, autora até então desconhecida no Brasil, vendesse 150 mil exemplares em 1980. Além de Yourcenar, o elenco de autores estrangeiros era de primeira linha: Hermann Broch, Thomas Mann, Gunter Grass, William Faulkner, Milan Kundera, Umberto Eco, Italo Svevo, Italo Calvino. Para reforçar o caixa que tornava possível a edição dos medalhões de prestígio, tiragens e mais tiragens das novelas policiais de Agatha Christie e Georges Simenon.

"Um dos segredos do Pedro Paulo era que ele ia encontrar pessoalmente os escritores na Europa. Descobria-os tirando férias numa cidadezinha e, na

>>>



Editor da revista de ensaios *Serrate*, Paulo Roberto Piress está lançando a *A marca do Z: A vida e os tempos do editor Jorge Zahar*.

base da conversa, conseguia comprar o direito de tradução sem intermediários. Uma prática que se tornou impossível depois das grandes feiras internacionais. Além disso, ele mantinha ‘olheiros’ em Nova York, Paris, Londres, que lhe passavam todas as novidades que valiam a pena”, conta José Mario Pereira, que deu seus primeiros passos na profissão como assistente de Pedro Paulo de Sena Madureira e hoje é dono da Topbooks.

Início da modernização

Dois nomes são incontornáveis pelo que anteciparam no processo de modernização das editoras: Ênio Sil-

veira e Jorge Zahar. À frente de uma reformulada Civilização Brasileira, veterana fundada na década de 1930, Ênio montou uma editora eclética — entre 1961 e 1963, chegou a publicar um livro por dia — com ênfase em autores de esquerda. Não à toa, fez a primeira edição brasileira de *O capital* e publicou Gramski, Luckás, Sartre e Isaac Deutscher, o biógrafo de Trotsky. Curiosamente, foi um profissional marcado pelo modo americano de trabalhar: formou-se em editoração na Universidade de Columbia e estagiou na mitológica Alfred A. Knopf. Daí que sempre deu importância à propaganda e promoção

do livro junto aos leitores.

A editora Maria Amélia Mello — ex-José Olympio e atualmente na Autêntica — conta que iniciou a carreira na Civilização Brasileira, a convite de Ênio Silveira, com a missão de montar o departamento de assessoria de imprensa, em 1976. “Como havia muitos suplementos literários naquele tempo, eu comecei a fazer longas entrevistas. A verba era curtíssima, fazíamos as fotos dos autores da casa num lambe-lambe de praça. Lembro que o Márcio Souza, que estava lançando o romance *Mad Maria*, teve uma cobertura enorme em jornais do país inteiro. Mas sempre saía o mesmo texto e a mesma foto de lambe-lambe.”

Fundada em 1957, a Zahar Editores — com seu famoso logotipo: um grande Z cortado por um livro aberto — atingiu no início de 1981 o milésimo título. A média mensal era de seis edições novas e seis reimpressões por mês, em sua maioria na coleção “Biblioteca de Ciências Sociais”, referência para a formação de gerações de universitários e intelectuais. Em 1985 Jorge Zahar criou uma nova casa com seu nome, tendo com sócios os filhos Ana Cristina (parte editorial) e Jorginho (comercial e administrativo). Desde então foram mais de três mil títulos publicados, mantendo o interesse nas ciências sociais e fortalecendo as áreas de filosofia e psicanálise, além de voltar-se para música, matemática, gastronomia, biografias e literatura clássica.

Editor da revista de ensaios *Serrote*, do Instituto Moreira Salles, Paulo Roberto Pires está lançando *A marca do Z: A vida e os tempos do editor Jor-* >>>

Maria Amélia Mello, que trabalhou muitos anos na editora José Olympio e hoje está na Autêntica, manteve diálogo com grandes autores, como Ferreira Gullar.



ge Zahar, obra que traça não só o perfil do fundador — sua amizade com Ênio Silveira e Paulo Francis — como também a história da empresa familiar. “Eu fiz a última grande entrevista com o Zahar, dois meses antes da morte dele, em 1998. Ele sempre teve uma ótima relação com jornalistas. Quando eu era repórter de livro, a gente se falava muito. Mas apenas para tratar da editora. Era avesso a falar dele ou a ficar em evidência. Só tirava foto para jornal ao lado de seus livros, quase escondido”, conta Paulo Roberto, para quem a falta de livros de memórias escritos por editores, prática comum nos Estados Unidos e Europa, é uma lacuna do ramo brasileiro.

Em suas conversas com a imprensa, Jorge Zahar costumava dizer: “O mais importante não é o editor ser a fonte. É ser o interlocutor”. A frase revela uma aproximação que se tornaria, com o tempo, contrato profissional, abrindo mais uma etapa da evolução editorial no país: quem antes fazia jornal passou a fazer livros. Uma leva de jornalistas — Vivian Wyler, Maria Amélia Mello, Luciana Villas-Boas, Matinas Susuki, Isa Pessoa, Paulo Roberto Pires, Flávio Moura, Casiano Elek Machado, Miguel Conde, entre outros — chegou às editoras para ocupar cargos de chefia.

“A imprensa diária e semanal se profissionalizou no Brasil antes da indústria editorial”, comenta Luciana Villas-Boas. “Desde o início da década de 1990, a crise da imprensa, que já vem de longe, despejou no mercado do livro muitas dezenas de profissionais da melhor qualidade. Imagine que, quando entrei no *Jornal do Brasil*, em 1985, o copidesque era composto por Ivan Junqueira, que veio a integrar a Academia Brasileira de Letras, pelo grande poeta Leonardo Fróes, pelo dicionarista Joaquim Campello, por João Máximo e Marcos de Castro. Como não aprender a escrever e editar com uma turma dessas lhe dando dicas diárias? Juntando a lição digamos mais técnica da edição ao tino do repórter para sentir de onde sopra e para onde vai o vento, bons jornalistas viraram editores de livro”.

Diálogo com autores

Nos últimos 20 anos, com o aparecimento de cursos de graduação em produção editorial, com destaque para os da UFRJ e da USP, surgiu uma mão-de-obra especializada. “Mas o pessoal autodidata, que aprendeu fazendo e que veio do meio jornalístico, continua em atividade. É um fenômeno que



Divulgação



José Mario Pereira,
dono da Topbooks, é
autor de *José Olympio*
– *O editor e sua casa*.

não é só brasileiro, é também americano e europeu, o de jornalistas que chegam à profissão para dirigir selos e pautar as linhas editoriais dos grandes grupos”, comenta Paulo Roberto Pires.

Esse novo editor, em sua condição de meio forasteiro, trabalha bem mais próximo do autor, com liberdade de discussão, sugestão, remontagem de textos — e até de profundos cortes e mudanças. No ramo, conta-se a seguinte piada: um editor e um jornalista estão morrendo no deserto quando avistam um oásis. O jornalista imediatamente bebe água para saciar a sede. Enquanto isso, o editor começa a fazer xixi no lago: “Estou dando uma melhorada na qualidade da água”.

“Esse diálogo sempre existiu”, conta José Mário Pereira. “Basta lembrar que *Vida secas*, de Graciliano Ramos, iria se chamar *O mundo coberto de penas*. Quando o livro estava para rodar na gráfica, o título mudou. Não é segredo que o original de *A náusea*, de Sartre, tinha mais de 500 páginas e foi reduzido. O primeiro livro da Lia Luft foi inteiramente canetado pelo Pedro Paulo de Sena Madureira. Eu vi. É o caso de uma autora que confiava na leitura e nas sugestões do seu editor.”

Ponto de virada

Com o advento da Companhia das Letras na década de 1980, o sarrafo subiu. A empresa de Luiz Schwarcz tinha uma estratégia definida: a coerência da linha editorial tinha de estar acima das oportunidades de mercado. Com suporte financeiro do Unibanco, acertou na mosca logo em um de seus primeiros lançamentos: *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, vendeu 110 mil exemplares. Não deixou de ser uma surpresa, pois o livro é um estudo crítico e histórico das teorias revolucionárias europeias que estabeleceram as bases da Revolução Soviética.

Além da qualidade dos textos, a Companhia das Letras (nome derivado da organização de comércio dos tempos coloniais Companhia das Índias) se destacou pelo bom gosto de suas capas, pela sofisticação na apresentação gráfica e artística e pelo esmero nas traduções e revisões — um padrão que as outras editoras seguiram ou tentaram seguir, sob o risco de não conseguirem competir de igual para igual. Foi bom para todo mundo, sobretudo para o leitor, que, em 1996, ainda viu surgir a Cosac Naify. Esta, além da qualidade das publicações, levou ao paroxismo a ideia do livro como objeto de arte. Com problemas financeiros, fechou em 2015.

>>>



Na década de 1990 o ramo editorial praticamente dobrou de tamanho. Os grupos estrangeiros enxergaram o Brasil como um mercado em expansão e começaram a investir pesado, comprando e fundindo editoras. A própria Companhia das Letras entrou na dança: em 2011 foi incorporada pela Penguin, gigante do Reino Unido. “No mundo inteiro as empresas de mídia começaram a trabalhar num modelo de concentração. A formação do conglomerado brasileiro e a chegada do capital estrangeiro se espelham nessa tendência. Eu mesmo entrei no mercado, em 2003, com a chamada Operação Planeta. Passei um mês na Espanha para descobrir que sabia de edição só até um ponto. Na volta, passei para outro ponto”, diz Paulo Roberto Pires.

O modelo internacional sedimentou a presença entre nós do agente literário: “Foi uma tremenda bola dentro. Editor só deve discutir com o autor sobre o livro, e não sobre dinheiro”, acredita Paulo Roberto. Profissional da área, Luciana Villas-Boas mapeia a situação: “Os editores brasileiros aprenderam a se relacionar com os agentes a partir do exterior. Até pouco tempo, não havia agentes no Brasil representando autores brasileiros. A atividade só existia como co-genciamento de catálogos estrangeiros. Ainda assim, os editores que frequentam as feiras internacionais compreendem a atividade com a perfeita noção de que o agente consciencioso só pode trazer vantagens e facilitar o trabalho”.

Crise

A partir de 2015, atrasos nos pagamentos e em editais de compras de livros, com o agravante da suspensão de

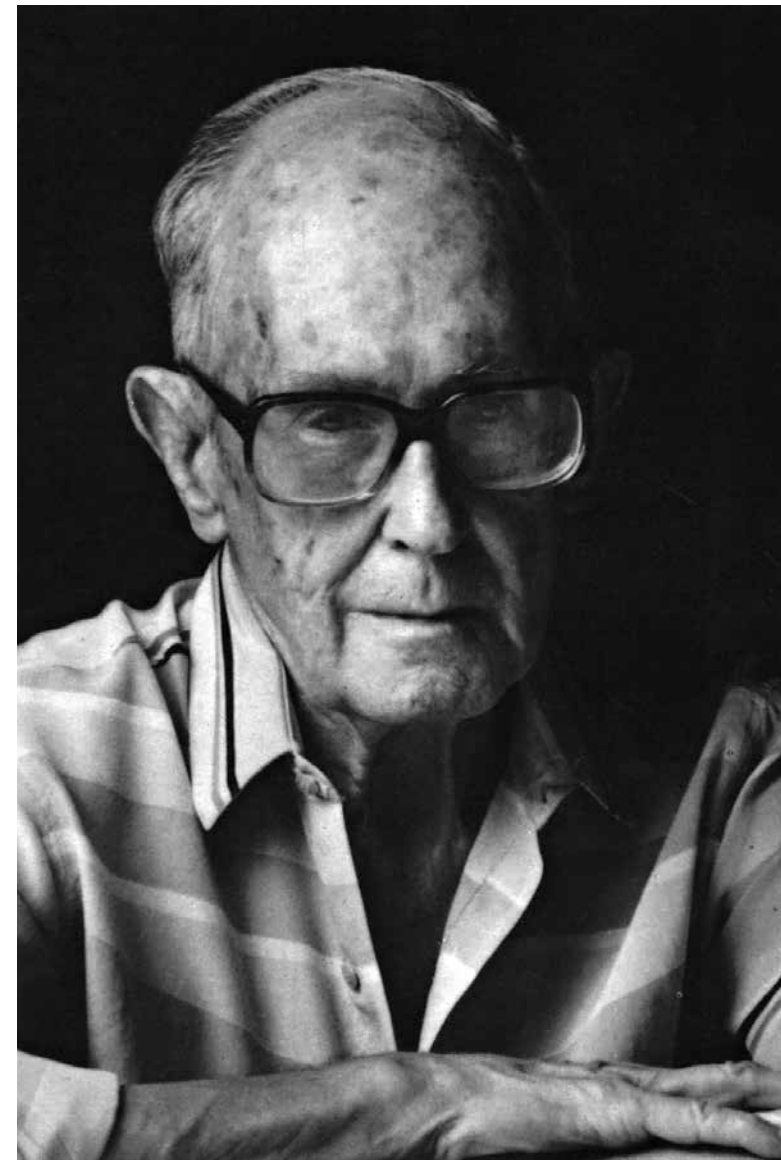
programas governamentais, fizeram as editoras entrar em parafuso e amargar uma crise que ainda não terminou nem dá sinais de recuperação. Os principais programas do Ministério da Educação, o PNLD (voltado para o setor didático) e PNBE (literatura para bibliotecas escolares), praticamente deixaram de existir.

Para Luciana Villas-Boas, não é civilizado ser contra a oferta de livros a estudantes e professores. As compras do governo, a partir do fim dos anos 1990, priorizaram a produção nacional, dando uma sobrevida à literatura brasileira. Alguns clássicos, que estavam esquecidos, voltaram à baila nesse processo. “Mas há muito a criticar na maneira como essas aquisições de livros para escolas e bibliotecas eram feitas”, diz Luciana. “Primeiro, pela preguiça do Estado de fazer o difícil: aprimorar o sistema de ensino e capacitar os professores a formar leitores. Segundo: torrou-se dinheiro do contribuinte com livros que eram jogados no lixo ou deixados mofando ou ao relento nas escolas. Outro ponto negativo é que o editor se viciou nas tetas do Estado. A maneira brusca como as compras terminaram, no segundo mandato da presidente Dilma, foi profundamente traumática. A recuperação do setor só agora está começando, com timidez. Mas choque de realidade sempre traz aspectos positivos”.

Hoje, apesar do cenário pelo avesso — “cada vez se faz mais livro para quem não gosta de ler”, diz Paulo Roberto Pires a respeito das listas dos mais vendidos e da presença esmagadora de *youtubers* nas feiras, festas e bienais —, algumas editoras independentes, surti-



Divulgação



Reprodução

A poeta mineira Adélia Prado, que foi editada editada por Pedro Paulo de Sena Madureira a partir de indicação de Carlos Drummond de Andrade.

das em meio à pior depressão econômica do país desde os anos 1940 e a uma queda de 10% no setor editorial brasileiro, mostram que é possível continuar ousando. E com qualidade.

É o caso da carioca Mórula, que abriu em 2012 sem capital inicial, sem profissionais com experiência no mercado, sem um plano de negócios específicos — e que, contra todas as expec-

tativas, está indo muito bem, obrigado. Publicou livros do historiador Luiz Antônio Simas (*Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea*), uma antologia de contos inspirados em canções de Noel Rosa (*Conversas de botequim*) e a coleção “Aldir 70” (cinco volumes com textos do compositor e cronista Aldir Blanc). “Somos herdeiros das transformações do mercado brasileiro nos anos

1990. Nossa preocupação com a qualidade gráfica (de impressão, de papel, de acabamento) e com o projeto gráfico (design, direção de arte) é enorme. Os trabalhos têm a mesma qualidade daquele feito pelas editoras de grande porte. Um bom livro não é só texto, é também agradável de ler, um objeto duradouro e esteticamente valorizado”, diz a editora Marianna Araújo. ■



“Somos menos provincianos que os editores americanos e ingleses”

Fotos: Rafael Roncato



O fundador da Companhia das Letras, **Luiz Schwarcz**, abre a série de entrevistas com editores brasileiros que o **Cândido** inicia a partir desta edição. No bate-papo com o escritor **Bernardo Carvalho**, Schwarcz, entre outros assuntos, fala sobre o início de sua editora e o atual momento do mercado editorial

Luiz Schwarcz ironiza o papel do editor iluminista: “É mais um oportunista”, diz. Ainda assim, a Companhia das Letras, que ele fundou com a mulher, a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, em 1986, sempre esteve vinculada a um projeto de educação pela leitura, num país onde a educação não costuma ser prioridade. Formado em administração, Schwarcz foi diretor da Brasiliense, antes de se lançar no mercado com a sua própria editora, inicialmente instalada em duas salas nos fundos da gráfica do pai, no Bom Retiro.

Ele esclarece que *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, não é, como costuma ser apontado, o marco-zero da Companhia das Letras — “na verdade saíram quatro [outros livros] no mesmo dia. Esse foi o mais bem-sucedido”. Schwarcz acha difícil construir hoje uma editora só literária. Questiona lugares-comuns, sem esconder que uma editora precisa, de fato, vender livros: “Por que uma lista de *best-sellers* menos literária significa que o país está mais ignorante? Pode até ser o contrário!”.

Sobre uma possível fórmula para produzir um fenômeno literário, diz que “a graça é que é sempre inesperado”. “No fundo, quem faz é o público, o boca-a-boca”, completa. Ele também se diz arrependido de ter recusado alguns livros de autores brasileiros: “Acho que em muitos casos nós erramos. Também há títulos dos quais me arrependo de ter publicado, mas aí é difícil falar”.

Confira, a seguir, a entrevista completa.

A Companhia surgiu com *Rumo à estação Finlândia*, do Edmund Wilson...

Criou-se o mito de que esse foi o primeiro livro,

mas na verdade saíram quatro no mesmo dia. Esse foi o mais bem-sucedido dos quatro.

O que *Rumo à estação Finlândia* significava para você?

Eu achava interessante para o ambiente intelectual brasileiro um livro de não-ficção, narrativo, super bem-escrito, anglo-saxão. Esse livro reunia qualidades que faltavam à academia brasileira. Era um ensaio mais literário e mais acessível. Tive a intuição de que poderia ser um bom porta-estandarte para a editora. Mas eu não considerava que a editora estivesse começando com ele.

A editora tinha um sentido iluminista, de suprir lacunas no país?

Seria um pouco pretensioso assumir esse papel. Abrir com livros de não-ficção narrativa, que fossem mais interdisciplinares, me permitia falar com um público maior do que aquele da academia. Tinha um certo raciocínio nisso, mas nenhum editor é iluminista; é mais oportunista do que iluminista.

Que livro você escolheria para abrir uma editora hoje?

Naquela época, o mercado era mais restrito. A Companhia, atingindo um público mais elitizado, com livros bons mas acessíveis, aparecia como uma editora que visava ampliar o mercado literário e intelectual brasileiro. Hoje, se aparecer uma editora como a Companhia, se ela fizer só isso, será considerada uma editora de nicho. Há alguns anos, ao abrir a empresa para outros selos não literários, defendi essa ideia

>>>

contra muita gente. Acho difícil você construir hoje uma editora só literária. Se não estivéssemos falando com os jovens, com um público feminino que prefere literatura mais comercial, seria muito mais difícil sobreviver. Também não chego a assinar embaixo a frase do Lobato: livro bom é o que é lido. É preciso valorizar a leitura crítica, mas impor menos e falar com leitores diferentes de nós.

Você teria que incluir o livro de um *youtuber* no lançamento da editora?

Não sei se no lançamento, mas já prepararia o caminho para ter um selo paralelo. No mundo inteiro hoje, você vê esse fenômeno de editoras exclusivamente literárias se abrindo para outros públicos, como a Gallimard. Até no mercado europeu, onde você consegue fazer *best-sellers* de qualidade com muito mais facilidade do que no Brasil.

No início, a Companhia parecia não ter muito interesse por escritores brasileiros...

Tinha, sim. Mas eu também tinha ética suficiente e dinheiro insuficiente para sair por aí fazendo ofertas e tirando autores de outras editoras. Comecei com *Garotos da fuzarca*, do Ivan Lessa. Depois, o Scliar me entregou, se não me enganano, *A orelha de Van Gogh*. O Rubem Fonseca veio um pouco depois. Procurei editá-lo desde o início, mas a agente dele, Carmen Balcells, achava que a Companhia era muito pequena. Depois, num jantar, contei para ele sobre os autores que estávamos publicando, Don DeLillo, John Cheever. Ele ficou espantado, achava que ninguém conhecia o Don DeLillo no Brasil. Saiu da Carmen Balcells e veio para a Companhia.

Você acha que o país é mais ou menos educado hoje?

Não tem dúvida de que é mais educado. Na época em que a Companhia surgiu, era possível um jovem de classe média alta ler logo de cara *O nome da rosa*, que se tornou um grande *best-seller* ao lado dos romances de tribunal do Scott Turow. Hoje, um jovem que foi educado em escolas públicas ou que cresceu com os projetos sociais que tiveram início com o Fernando Henrique Cardoso e se desenvolveram ainda mais com o Lula necessariamente vai começar por outra coisa. Naquela época, o mercado não falava com esse público. Você não tinha livros de celebridade para um segmen-

“ Vários autores brasileiros foram recusados pela Companhia e acho que em muitos casos nós erramos.”

to mais popular. Ou *youtubers* que criam identificação com meninas de 12, 13 anos. Essas pessoas são filhas do Harry Potter e dos planos educacionais do governo em escolas públicas. Leram livros infantis de boa qualidade ou mediana e vão escolher o primeiro livro por identificação, orientados por mídias sociais. Muitas vezes, olhamos para isso com preconceito, mas não é necessariamente um fenômeno ruim. Por que uma lista de *best-sellers* menos literária significa que o país está mais ignorante? Pode até ser o contrário. Tem pessoas entrando no mercado mais cedo.

Você acha que esse cara que começa lendo *youtubers* passa depois para outra coisa?

Não dá para saber. Pode passar. A relação identitária que ele estabelece com o livro é muito forte. O público que frequenta as bienais é de periferia, com poder aquisitivo baixo, mas reage aos ídolos e aos livros com uma emoção que lembra o fenômeno da beatlemania. Será que isso é ruim?

A associação com a Penguin (hoje parte da Random House, maior grupo editorial do mundo) veio no momento em que você entendeu que precisava conquistar esse público?

Foi uma das razões. Eles nos procuraram em 2011. Achavam que o Brasil ia crescer educacionalmente e digitalmente. Eu precisava aprender a

trabalhar com outros públicos. A Penguin sempre foi muito mais comercial do que literária. O nosso projeto educacional ruiu quando o Brasil começou a enxugar os investimentos em educação, inicialmente por falência econômica e agora, com os novos governos, por falência de vocação.

O crítico literário inglês James Wood disse recentemente, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, que há uma padronização da literatura promovida pelas grandes corporações editoriais. O que acha disso?

Não concordo. Acho o James Wood muito talentoso, mas ele gosta de provocações. Por que, ao defender o realismo, ele precisa atacar escritores como o Don DeLillo ou o Paul Auster? Acho interessante discutir o projeto literário pós-moderno, mas você não precisa eleger um projeto literário contra outro.

Você não acha que há uma padronização por um tipo de literatura que possa vender mais?

Não. O próprio James Wood dá o exemplo da negação disso. Os dois escritores que ele cita e defende na entrevista, o [Karl Ove] Knausgaard e a Elena Ferrante, são parte desse mercado. Quando, no passado, a inovação literária foi majoritária? Vivemos numa economia de mercado. É do jogo.

Você vende autores brasileiros fora do Brasil. Houve uma época em que era preciso apostar no exotismo. E hoje?

Na Europa, ainda há nichos ou áreas muito literárias, na França,

>>>





OS EDITORES | LUIZ SCHWARCZ

O escritor Bernardo Carvalho entrevista o editor Luiz Schwarcz na sede da editora Companhia das Letras, em São Paulo.



na Alemanha, desde editoras pequenas até outras, como a Gallimard, que têm uma militância por literatura estrangeira. Não é fácil. Há ondas. Nunca houve uma onda brasileira do ponto de vista comercial, seja de literatura de qualidade, seja de crime, seja de exotismo. O exotismo é uma faca de dois gumes. Não cria interesse com substância.

Se você fosse um editor argentino, provavelmente não teria a mesma dificuldade em vender seus autores. Você acha que há preconceito em relação à literatura brasileira?

É mais fácil para um argentino, porque há leitores de espanhol dentro das editoras. Não acho que haja preconceito. Que eu saiba, nenhum argentino se transformou em grande sucesso literário. O César Aira pode aparecer nas citações do Nobel, mas ele faz parte de um nicho no exterior. Nas agências literárias, há agentes que falam espanhol. O brasileiro vai sempre depender de um parecer de fora. E os editores anglo-saxões desconfiam dos pareceres feitos fora da equipe da empresa.

Como se faz um fenômeno literário?

A graça é que é sempre inesperado. O próprio Knausgaard é um exemplo. Ou, pensando numa literatura menos sofisticada, mas boa, como o Stieg Larsson. No fundo, quem faz é o público, o boca-a-boca. No caso da Elena Ferrante, ela estava em pequenas editoras no mundo inteiro, até na Itália.

Você também escreve ficção. A experiência de escritor mudou a sua visão do que é ou deve ser um editor?

De alguma forma, me ajudou a compreender a fragilidade que é entregar um original, a posição de força que um editor tem, o quanto está em jogo emocionalmente na hora de divulgar um livro. Aprendi um pouco mais sobre a vaidade que está implícita no ato de transformar em público uma coisa na qual você trabalhou tão solitariamente.

Você se arrepende de ter recusado (ou publicado) algum livro?

Vários autores brasileiros foram recusados pela Companhia e acho que em muitos casos nós erramos. Também há títulos dos quais me arrependo de ter publicado, mas aí é difícil falar.

A seu ver, para onde vai a literatura brasileira?

Não vejo só um caminho. Na poesia, tem coisas muito boas nessa nova geração. Tem escritores que eu vim a ler depois de publicados, como o José Luiz Passos, que me agrada bastante. Hoje também já há agentes procurando novos autores e oferecendo às editoras.

Qual a vantagem de ser um editor brasileiro em relação aos estrangeiros?

Até há pouco tempo, tínhamos a vantagem de ser um país que estava investindo na educação para um público mais virgem. Isso era uma vantagem nossa que diminuiu muito. Isso permitia a uma editora crescer para 5 mil livros e ser tão ou mais rentável do que uma editora de *best-sellers*. Diminuiu por causa do fracasso do projeto educacional governamental em todos os níveis. Isso nos desqualifica. Por outro lado, acho que somos menos provincianos que os editores americanos e ingleses, por exemplo. Estamos interessados em literatura de todos os países. Veja o surgimento de novas editoras literárias de qualidade. Somos capazes de identificar um bom livro e nos arriscar a vender dois mil exemplares, o que fora está se tornando cada vez mais raro. Quantas editoras no mundo conseguiriam fazer o Raduan Nassar ou o *Dois irmãos* vender centenas de milhares de exemplares, como nós conseguimos? Ainda tem muita coisa boa e da qual se orgulhar no Brasil. Ainda vibro com os nossos lançamentos, mas estou assustado e pessimista em relação a quanto tempo isso vai durar e que papel eu posso ter nisso tudo. ■

TRANSPARÊNCIAS

ando tomada por coreografias
 movimentos de pegar coisas no ar
 tocar objetos invisíveis
 a comida de um gato imaginário
 um tapete lúdico
 a bola deixada pelo filho que cresceu
 as pantomimas da infância
 as cartas que nunca me enviaram
 e aparecem debaixo das portas

ando tomada por dança
 num estranho aprimoramento
 Nureyev condicionado à liberdade ímpar
 num solo que nasce da imprevisível soma
 de músculos estirados e a cabeça cheia de asas
 tecidos esvoaçantes e pegadas
 Isadora Duncan na areia dos sonhos
 com as pernas tocadas pelo vento
 ao sopro das flautas de bambu

ando tomada pela arte de construir linguagens
 palavras em caligrafias transparentes
 códigos de marionetes subitamente humanizadas
 atores que se dão ao luxo do sentimento
 dançando para si próprios
 um animal em movimentos abstratos
 as bailarinas de Degas
 cujas saias engendram
 fantasia a meus pés
 com sapatilhas inexistentes


dei um passo no acaso
 num deslize de memórias
 na profusão de um balé russo que me segue
 como um cão segue seu dono
 eu me abaixo e levanto
 no gesto de caminhar em ponta
 para acordar meus planos
 no espelho trincado ao som do piano mudo
 num giro de 360 graus pela vida inconclusa
 e meus 50 anos neste irrevogável baile de máscaras

DISSONANTE

anda tudo tão igual como um saco de laranjas
 o uniforme das enfermeiras
 a caixa de ovos
 o maço de cigarros
 os guardas de trânsito
 os pensamentos monótonos
 os círculos de fumaça
 os quiosques de sorvete
 os homens que param para ver mulheres
 fingindo que perderam documentos
 e todo mundo sabe que é mancada

por isso abandonei os estojos
 as simetrias
 os aros das bicicletas
 as cartas de demissão
 os contratos
 os baralhos e as dentaduras
 os elogios e as advertências
 as contas de farmácia
 fui atrás de um poema para explodir rebanhos

quero desinventar a letra
 matar o rococó
 o barroco dos sentidos
 volto quando desintegrar a língua

 **Célia Musilli** é jornalista, cronista e poeta. Autora dos livros *Sensível desafio* (2006) e *Todas as mulheres em mim* (2010), participou de várias publicações e coletâneas de poesia e crônica. Mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp, atualmente é editora de cultura do jornal *Folha de Londrina*.



O VOO QUE DRIBLOU A MULTIDÃO EM ÍCARO PESADELO

Navegou em ascensão como uma estrela cintilante no manto negro da madrugada do abso-luto céu latino

Toda a via aérea só corroeu a retina retilínea de cumulus nimbus voo. Como pássaro prateado cadenciou uma rota torta em ponto

divergente/trágico/nevrálgico meteoro incidente. No lusco-fusco espacial, vagalume perdeu o lume e esfacelou-se “kamiQUASE”. Como cruz comungou com Deus o pacto desportivo nas alturas. Turbulência intemperial...impacto. Com atletas e companheiros a bordo e em desalinho... ousou voo altaneiro sobre cimos MEDELLINhos e lançou-se numa curva abrupta. Como crespaspa estatelou-se. Dos 81...soçobraram 6 vozes ao relento das vozes frias do vento. ■



Geraldo Magela Cardoso é poeta, autor, entre outros, de *Bendita boca maldita* (1982). É o idealizador do CuTUCando a Inspiração, projeto mensal em que poetas e prosadores paranaenses se apresentam, por meio de performances, no palco no Teatro Universitário de Curitiba (TUC). Vive em Curitiba (PR).




FOTOGRAFIA | CARLOS DOMINGUEZ





CLIQUES

EM CURITIBA

 Engenheiro civil de formação, **Carlos Dominguez** realiza trabalhos autorais de fotografia há mais de 20 anos. A maioria de seus ensaios retrata viagens a grandes cidades do mundo, como Paris, Buenos Aires e Montevideú.





Revista *Helena* volta reformulada

Publicação de artes e cultura editada pela BPP tem novo formato, ensaios de fôlego e mais conteúdo de âmbito nacional

DA REDAÇÃO

Após um período fora de circulação, a revista *Helena* volta a ser editada pela Secretaria de Estado da Cultura e a Biblioteca Pública do Paraná. Com periodicidade trimestral, a publicação retorna totalmente reformulada — com formato diferente, ensaios de fôlego e mais conteúdo de âmbito nacional. A essência do projeto, no entanto, se mantém. Além de colocar o Paraná em diálogo com o resto do país, a revista busca cumprir uma missão nem sempre compreendida: a de valorizar o jornalismo cultural em um momento de profundas transformações da atividade.

Assinados por colaboradores de diferentes regiões do Brasil, os textos da “nova” *Helena* têm em comum um olhar sincrônico, que entrecruza o presente, o passado e o futuro para



Rafael Roncato

O diretor teatral Felipe Hirsch foi entrevistado pelo jornalista e escritor Ronaldo Bressane.

compreender o mundo de hoje. Maria Amélia Mello, uma das editoras mais importantes do país (trabalhou diretamente com nomes como Ferreira Gullar, Campos de Carvalho e Rachel de Queiroz), reconta sua longa trajetória profissional para falar do momento atual do mercado de livros. Após uma viagem pela Inglaterra, Alexandre Matias explica por que o rock revolucionário dos anos 1960 virou música clássica no século XXI. José Carlos Fernandes resgata a história quase esquecida da editora curitibana Grafipar, responsável por publicar uma série de revistas transgressoras e pioneiras.

Luís Augusto Fischer apresenta uma nova leitura de *O amanuense Belmiro*, trazendo o romance octogenário de Cyro dos Anjos para o contexto atual. João Varella traça um perfil da cineasta Anna Muylaert na tentativa de entender sua recente guinada politizada. Eduardo Macarios mostra, por meio de fotos, a diversidade arquitetônica dos museus de Curitiba — do histórico Guido Viaro ao futurista MON. Silvano Santiago evoca Guimarães Rosa e Pasolini para enaltecer o “saber vagalume” (errante, inapreensível e resistente à máquina totalitária).

Alex Antunes comenta a polarização política em voga — e aponta seus primeiros sinais de desgaste. Ronaldo Bressane entrevista Felipe Hirsch, diretor teatral que se diz patrulado por militantes tanto de esquerda quanto de direita. Marcelo Mirisola imagina Borges e Cortázar discutindo nas redes sociais (para depois afirmar que a boa literatura está acima dos interesses e paixões). E Fernando Ceylão reflete sobre os famigerados “limites do humor”. A edição de reestrea ainda traz um poema de Zulmira Ribeiro Tavares, um conto



Imagem da exposição "Circonjecturas", do artista paranaense Rafael Silveira, no museu Oscar Niemeyer. A foto integra o ensaio de Eduardo Macarios sobre museus de Curitiba.

de Maria Valéria Rezende, HQ de DW Ribastki inspirada na obra do escritor Manoel Carlos Karam e dezenas ilustrações de artistas dos mais diferentes estilos (Bennet, André Dhamer, Carolina Vigna, Hallina Brandão, Marcelo Cipis, Moara Brasil, André Kitagawa, Augusto Meneghin).


Batizada em homenagem à escritora paranaense Helena Kolody (1912-2004), a revista tem tiragem de mil exemplares e distribuição gratuita para bibliotecas e escolas de ensino médio do Paraná, além de pontos de cultura de Curitiba. Também é enviada por correio para jornalistas, escritores, acadêmicos e artistas gráficos de todo o Brasil. Para ler online, acesse www.helena.pr.gov.br. ■





PROCURO A MORTE

quero morrer. procuro um jeito. já tentei roleta russa com arma. já experimentei salada temperada com raticida. realidade ou fantasia? procurei um matador do bairro. pergunto quanto cobraria pra me matar. ele: *não, isso não posso fazer. matar a irmã de amigo, não.* insisto. sem convencê-lo, resolvo perguntar: quanto custa matar alguém? *depende de quem.* como começou na profissão? *minha família foi morta numa chacina. comecei a matar pra me vingar. o primeiro foi mais difícil, depois acostuma.* passou um tempo, fiz um aborto. abortar é uma mistura de homicídio com suicídio. a gente acostuma. hoje trabalho como cuidadora de doentes e idosos. sempre gostei. meu pai morreu. preciso falar sobre isto.

 **Ruy Proença** nasceu em São Paulo, em 1957. É poeta e tradutor. Publicou, entre outros, os livros de poesia *Como um dia come o outro* (1999), *Visão do térreo* (2007) e *Caçambas* (2017). Traduziu os livros *Boris Vian, poemas e canções* (2001), *Histórias verídicas*, de Paol Keineg (2014) e *Dahut*, de Paol Keineg (2015). Vive em São Paulo (SP).

